



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES
Graduação em Psicologia

JULIANA ALVES DANTAS FERRO BUCHER

**REFUGIADOS DE SI: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E DE
SOFRIMENTO PSÍQUICO DE SUJEITOS EM CONDIÇÃO DE MIGRAÇÃO
FORÇADA**

BRASÍLIA - DF
2020

JULIANA ALVES DANTAS FERRO BUCHER

REFUGIADOS DE SI: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E DE SOFRIMENTO PSÍQUICO DE SUJEITOS EM CONDIÇÃO DE MIGRAÇÃO FORÇADA

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), com vistas a obtenção do grau de psicóloga.

Professor-orientador: Juliano Moreira Lagoas

BRASÍLIA - DF
2020

JULIANA ALVES DANTAS FERRO BUCHER

REFUGIADOS DE SI: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E DE SOFRIMENTO PSÍQUICO DE SUJEITOS EM CONDIÇÃO DE MIGRAÇÃO FORÇADA

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), com vistas a obtenção do grau de psicóloga.

Professor-orientador: Juliano Moreira Lagoas

BRASÍLIA, 18 DE DEZEMBRO DE 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Juliano Moreira Lagoas, Dr. – UniCEUB

Profa. Daniela Scheinkman Chatelard, Dra. – UnB

Prof. Leonardo Cavalcante de Araújo Mello, Me. – UniCEUB

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Juliano Lagoas, pelas valiosas orientações, pela paciência e disponibilidade.

À minha família, pelo incentivo e apoio ao longo da minha trajetória. Especialmente, agradeço à minha mãe, Marilene, por acreditar em mim e estar ao meu lado nos momentos mais desafiantes. À minha avó, Júlia, com quem desde sempre me identifiquei e me permitiu chegar até aqui. Ao meu avô, Richard (*in memoriam*), que de alguma forma me guiou até a psicanálise. E ao meu avô, Gunther, pelos ensinamentos de um pensar crítico.

Aos meus colegas e amigos, pelas trocas de ideias e pela presença em meio a esse período difícil de pandemia. Em especial, agradeço à: Simone, Janaína, Ricardo, Jeanne, Priscilla, Thaís, Aline, Marina, Camila, Cristiane e Ludmila.

Aos professores de Psicologia que contribuíram para uma formação de qualidade.

À Diana, minha gratidão, por me contar um pouco de sua história e ter possibilitado a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar o fenômeno da migração forçada na atualidade, procurando identificar e compreender, à luz de conceitos psicanalíticos, como a noção freudiana de *Das Unheimliche*, algumas das modalidades de subjetivação e de sofrimento psíquico vivenciados por sujeitos em condição de migração forçada. A metodologia utilizada foi desenvolvida de acordo com as estratégias da Análise do Discurso, em articulação com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise. A fim de subsidiar a análise da entrevista com uma imigrante venezuelana, foram realizados (i) um levantamento bibliográfico acerca de conceitos psicanalíticos, como luto, desamparo psíquico, trauma e angústia, visando mapear as ocorrências destes conceitos nas obras de Freud e Lacan, e de seus comentadores; (ii) seleção e sistematização do material, tendo como critérios a relevância, a extensão da abordagem dos conceitos na bibliografia levantada e o nível de aprofundamento das análises encontradas, e (iii) produção de fichários bibliográficos e fichários de citações, resenhas críticas e notas de comentário que subsidiaram a análise da entrevista.

Palavras-chave: Migração forçada. Psicanálise. Sofrimento psíquico. *Das Unheimliche*.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| CAPÍTULO I - LUTO E DEMPARO PSÍQUICO NA CONSTITUIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE ANGÚSTIA..... | 13 |
| 1.1. Luto e desamparo..... | 13 |
| 1.1.1. Luto e melancolia | 14 |
| 1.1.2. A transitoriedade..... | 15 |
| 1.2. Considerações sobre o trauma e a angústia e suas articulações com a migração forçada..... | 17 |
| 1.2.1. Trauma..... | 18 |
| 1.2.2. Angústia..... | 21 |
| CAPÍTULO II - DAS UNHEIMLICHE: NO ENCONTRO COM AS EXPERIÊNCIAS DE ANGÚSTIA E DE PERDA DAS REFERÊNCIAS IDENTIFICATÓRIAS..... | 25 |
| 2.1. <i>Unheimlich</i> na perspectiva freudiana..... | 25 |
| 2.2. A relação da angústia com a experiência do <i>Unheimlich</i> | 27 |
| CAPÍTULO III - ANÁLISE DO DISCURSO..... | 32 |
| 3.1. Metodologia..... | 34 |
| 3.1.1. Procedimentos de construção do material | 35 |
| 3.1.2. Procedimentos de análise..... | 36 |
| 3.2. Análise | 36 |
| 3.2.1. Do trauma à experiência de infamiliaridade..... | 36 |
| 3.2.2. Um destino possível através de trocas simbólicas..... | 41 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 47 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 49 |
| ANEXOS..... | 54 |
| ANEXO A..... | 54 |
| ANEXO B..... | 57 |

INTRODUÇÃO

A mobilidade humana é tão antiga quanto a humanidade, mas as últimas décadas foram marcadas por uma imigração sem precedentes. De acordo com o relatório de 2018 sobre imigração internacional da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015 havia 244 milhões de migrantes internacionais no mundo. A maioria destes imigrantes saiu do Sul Global e migrou para países do Norte Global em busca de refúgio (ANDREOLI; KADIANAKI, 2018).

Nesse contexto, as migrações contemporâneas podem ser explicadas por diversas razões, tais como: busca por melhores condições de vida; circunstâncias marcadas por guerras civis; conflitos; perseguições; exploração; pobreza e violação dos direitos humanos (MILESI, 2014; ALVES e SILVA, 2018).

Segundo dados recentes do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), cerca de 25 pessoas por minuto migraram forçadamente em decorrência de conflitos, perseguições e violações dos direitos humanos. Ao redor do mundo, mais de 70,8 milhões de pessoas foram forçadas a deslocar-se de seus países de origem. Desses 70 milhões, mais de 2/3 vêm de países como a República Árabe Síria, Afeganistão, Sudão do Sul, Myanmar e Somália (UNHCR, 2019).

No cenário brasileiro, existem cerca de 11.231 pessoas reconhecidas como refugiadas. O ano de 2018 registrou o maior número de solicitações de reconhecimento de condição de refugiado, desde que esses pedidos passaram a ser contabilizados. Ao todo, foram mais de 80 mil solicitações de reconhecimento. A maior parte delas, cerca de 61.681, é composta por venezuelanos (UNHCR, 2019).

A atual crise econômica e política que ocorre na Venezuela foi a causa de muitas solicitações de venezuelanos para se refugiarem no Brasil. Na ocasião desse grande fluxo de venezuelanos para o Brasil, podemos observar diversas situações de violência, a exemplo do que ocorreu na cidade de Pacaraima, em Roraima, onde foram realizadas passeatas contra os imigrantes venezuelanos (BOECHAT, 2018). Tais números tão elevados sinalizam a necessidade de adoção de medidas mais protetivas e integrativas para receber essas pessoas, pautadas nos direitos humanos (ALVES; SILVA, 2018). É o que se pôde observar nas ações do Conselho Nacional dos Direitos Humanos (CNDH) em favor da proteção dos direitos humanos, manifestadas em resposta a essa grave situação dos venezuelanos na região norte do Brasil (CNDH, 2018).

Para além das razões explicitamente alegadas pelos sujeitos para migrarem de um país ao outro, faz-se importante compreender os paradigmas subjetivos que atravessam o processo de migração forçada, tendo em vista que, uma vez no Brasil, os refugiados se deparam com uma crescente dificuldade de encontrar emprego, de conseguir uma moradia segura, de aprender uma nova língua, de ter acesso à educação e, especialmente, de encontrar apoio psicológico que os ampare nesse processo.

Os imigrantes recém-chegados ao país, para além de todos os desafios inerentes ao processo de deslocamento, muitas vezes são atingidos por um sistema de poder regido pela lei do mercado, mascarado pela violência, sendo que, nessas circunstâncias, esses sujeitos, envoltos sob o domínio desses discursos, acabam não tendo recursos simbólicos necessários para elaboração do trauma e sofrem os efeitos de dessubjetivação (ROSA, 2012a). Segundo a autora, é observado que muitos sujeitos constroem soluções para lidar com os impasses que surgem frente ao laço social. Ela apresenta como exemplos sujeitos que se dedicam ao trabalho, e oferecem assistência a seus semelhantes, outros imigrantes; alguns se casam com nativos do país, com brasileiros, como um modo de se vincular e se estabelecer no país; e outros exemplos são de mulheres que, para se legalizarem, têm filhos nascidos no Brasil.

Em meio a tantos debates contemporâneos sobre políticas públicas para migrações internacionais, ainda são encontrados casos de países que adotam uma política anti-imigratória. Esse é o caso da nova política de repatriação adotada pelos Estados Unidos, no que concerne à remoção dos latino-americanos do país, em especial, mexicanos, e que se amplia também para cidadãos não latinos. Práticas punitivas contra imigrantes são algo presente historicamente nos EUA, onde a política de imigração é repleta de episódios de racismo e nativismo (JOHNSON, 2019).

Diante desse atual cenário de crise imigratória, que atinge diversos níveis, sejam econômicos, políticos ou sociais, torna-se fundamental pensar em formas de se ofertar escuta psicológica qualificada, considerando-se que muitos refugiados sofrem graves traumas psicológicos, como: perda de entes queridos, torturas e abusos de toda sorte. Algumas organizações, como a *Santé Mentale Europe*, alertam as autoridades para o risco de que a saúde mental desses refugiados se agrave cada vez mais por falta de apoio apropriado (SYKES, 2015).

A respeito das novas condições de sofrimento psíquico vivenciadas pelos sujeitos, Birman (2005) tece reflexões acerca das atuais condições do mal-estar, em articulação com o discurso psicanalítico sobre o social. O autor traz contribuições importantes em suas críticas a respeito do novo lugar ocupado pela psicanálise na contemporaneidade, a partir da crise pela

qual enfrenta ao se deparar, justamente com novas modalidades de subjetivação. Tal crise parece sinalizar uma articulação que se faz entre dois critérios centrais: o processo histórico-social no âmbito do imaginário social contemporâneo e, também, o lugar que a psicanálise passa a ocupar no campo dos saberes e práticas psicológicas.

Ainda no contexto da clínica contemporânea pode-se pensar no que Dunker (2012) afirma sobre políticas de caráter regulatório assistidas em torno do tratamento do sofrimento psíquico, que com o aumento de categorias diagnósticas, a naturalização de sintomas e a instrumentalização sinalizam a “transformação da razão diagnóstica em uma tarefa condominial” (p.41). Dunker sinaliza que é por meio dessa “lógica do condomínio” que se constitui o sintoma, o mal-estar e o sofrimento. Como exemplo disso, tem-se o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), que cumpre o papel de mantenedor de uma visão psicopatologizante, a qual foi naturalizada.

Jacques Lacan, por sua vez, desde o início de seus trabalhos, já em 1936, em “Para-além do Princípio de realidade”, investe em uma direção oposta a essa, e destaca uma orientação social e cultural, para além do biológico, fundamentando-se em princípios filosóficos para compreender o inconsciente e fomentar o debate psicanalítico (CABRA, 2015).

Face às constatações acima, pensar na clínica, conforme as contribuições que Lacan nos oferece, não seria pensar em processos psíquicos além do consultório, como uma clínica extramuros, aberta à pluralidade? Uma clínica que pudesse oferecer uma escuta qualificada tal como se propõe na clínica tradicional?

Assim, na tentativa de afastar-se do modelo da clínica tradicional, têm-se modelos de clínica em que se propõem atendimentos a indivíduos em suas demandas emergenciais e específicas, como é o caso da Clínica do Traumático (USP), na qual Miriam Debieux coordena o projeto Migração e Cultura, da USP, juntamente com a parceria da Casa do Migrante. Debieux tem como pressuposto implementar serviços ou atividades de atendimento e intervenção junto aos imigrantes e à população, além de atividades de integração com os estudantes estrangeiros da USP.

Além disso, outra possibilidade é a Clínica da Identidade, proposta por Desplechin (2013) junto às suas experiências com pacientes imigrantes na França, que tem por objetivo clínico fazer um “trabalho de identidade”, isto é, um trabalho como de reconhecimento da singularidade que demonstra o que o imigrante vivencia, para que, assim, possa renovar o diálogo consigo mesmo e para que o exílio possa desdobrar-se em sua dimensão ontológica, ou seja, como uma experiência de identidade.

Ademais, fora do campo psicanalítico, há também a proposta de Clínica Intercultural, fundada em 2012, em Florianópolis e inserida no projeto de extensão universitária da UFSC. Esta clínica se propõe a oferecer escuta qualificada em atendimentos psicológicos aos imigrantes e refugiados, levando em conta o número acentuado de deslocamentos em Florianópolis e, acima de tudo, a ausência de políticas públicas e serviços destinados a essa população (MARTINS-BORGES; JIBRIN; BARROS, 2015).

Todas essas propostas possuem a mesma premissa: oferecer uma escuta que inclua um grupo mais negligenciado por esse tipo de serviço, o que corrobora com a resistência da psicanálise ao consumismo, à instantaneidade e ao discurso do capitalista.

Barbosa e outros (2013), referem-se justamente a essa questão de imediatismo que se presentifica na contemporaneidade por meio da tecnologia. Em virtude de um mundo tão envolto pela tecnologia faz-se necessário pensar nas alterações da temporalidade da vida que invade o *setting* analítico, e de que maneira os sujeitos passam a ser atendidos em sua dimensão subjetiva. É em meio a esse mundo, com tantas mudanças relacionadas às novas formas de inserção social, de relacionamento, de pertencimento, entre outras, que se produzem novas imagens de Eu e novas perspectivas de vida a que a clínica contemporânea deve voltar-se, ao se deparar com “uma nova forma de constituição subjetiva, uma forma de estar no mundo, na qual a superação do tempo e a transposição dos limites do espaço se colocam como horizontes possíveis” (BARBOSA *et al*, 2013, p. 63).

Pretende-se neste trabalho discutir como ocorrem os processos de subjetivação da perda, a partir de conceitos psicanalíticos atinentes ao fenômeno da migração forçada. Ao falar nesse fenômeno, recorreremos aos conceitos desenvolvidos por Freud de "Luto e Melancolia", em (1917/2010) e o desamparo psíquico (1895a/1996). Tais conceitos foram abordados para se compreender como o sujeito pode reinterpretar sua história prisioneira em um passado idealizado que o impede de estar plenamente no presente. Esse processo de perdas é acompanhado por um profundo desamparo. O sujeito em meio a um luto impedido não consegue estabelecer laços com o outro.

Além destes conceitos, foram incluídas também as experiências de trauma e angústia presentes nos processos psíquicos desses sujeitos. O trauma foi pensado a partir de um instante no qual o Eu se desorganiza de suas funções subjetivantes, e traz repetidamente, experiências que não foram processados simbolicamente. A angústia é desencadeada, assim, como um tempo no qual o sujeito não tem condições de se localizar subjetivamente (ROSA, 2009). Essas concepções foram articuladas com a temática estudada a partir das elaborações da Clínica do

Traumático.

Outro conceito fundamental foi *Das Unheimliche* (FREUD, 1919a/2019), que permitiu se pensar a respeito da relação do sujeito com a realidade externa e com a sua sensibilidade. Isto é, como determinados conteúdos recalçados que afetam os sujeitos imigrantes retornam a partir de uma situação nova com o outro. As experiências de infamiliaridade surgem como consequência da desorganização subjetiva, quando esses sujeitos ao sentirem "estrangeiros em si mesmos", não mais encontram suporte identitário, quando as representações de si modificam-se. E é nessa ocasião que a angústia surge, quando o Outro está presente no mais íntimo (LEITE, 2011).

Face a essas constatações, levantam-se as seguintes questões: como se dá, para a pessoa que imigra, o processo de elaboração do luto face às experiências de perda vivenciadas? Com que tipo de sentimento se depara na chegada ao novo país? Quais são as modalidades de subjetivação e sofrimento psíquico vivenciadas por esses sujeitos? Quais os impactos da experiência de migração para a configuração dos laços sociais? É em torno dessas questões que se estrutura a pesquisa aqui apresentada.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar o fenômeno da migração forçada na atualidade, procurando identificar e compreender, à luz de conceitos psicanalíticos, como a noção freudiana de *Das Unheimliche*, algumas das modalidades de subjetivação e de sofrimento psíquico vivenciados por sujeitos em condição de migração forçada.

Nessa perspectiva, a pesquisa se desdobrou nos seguintes objetivos específicos:

- i) Analisar o papel do luto e do desamparo psíquico na constituição das experiências de angústia vivenciadas por sujeitos imigrantes;
- ii) Identificar e explicitar os modos de manifestação dos desejos inconscientes de sujeitos em condição de migração forçada;
- iii) Compreender as modalidades de laço social estabelecidas pelos imigrantes no novo país.

Neste trabalho, parte-se da premissa de que as propostas de acolhimento psicológico em situações emergenciais não possuem um quadro tão consolidado quanto o da clínica tradicional. Por consequência, a necessidade de produzir conhecimento a respeito desses processos psicológicos vivenciados por sujeitos em situações traumáticas é premente, para que se possa planejar e oferecer uma escuta psicológica qualificada e em consonância com as demandas e condições desses sujeitos.

Do ponto de vista da comunidade científica, esse contexto emergencial, como é o caso da migração forçada, requer um enfoque multidisciplinar, com atuação e integração de várias áreas, tais como sociologia, economia, ciência política e direito.

Na perspectiva da sociedade, são várias as contribuições, ou possíveis contribuições, como, por exemplo, a importância de levar esse debate para a sociedade civil organizada e as instituições governamentais. Tal debate não pode ser restrito apenas ao poder legislativo, e nem se manter somente no interior da academia. Somente dessa forma será possível a concretização de iniciativas em prol dos imigrantes.

Este trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro, foram explorados, a partir de Freud e de algumas considerações de Lacan, os conceitos de luto, desamparo psíquico, trauma e angústia, articulando-os com o objeto de estudo. No segundo capítulo, apresentamos a noção freudiana "*Das Unheimliche*", tendo como referência a articulação com o conceito de angústia, desenvolvida por Lacan. Por fim, no terceiro capítulo, juntamente com a metodologia, apresentamos a análise do discurso da entrevista com uma imigrante venezuelana, a partir das contribuições teóricas discutidas nos capítulos antecedentes.

CAPÍTULO 1 – LUTO E DESAMPARO PSÍQUICO NA CONSTITUIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE ANGÚSTIA

Trata-se, neste capítulo, de discutir alguns dos pressupostos teóricos e clínicos que nos auxiliam a pensar os processos psíquicos que atravessam as experiências de luto, desamparo e angústia vivenciadas pelos sujeitos em condição de migração forçada diante da perda das referências identificatórias.

1.1. Luto e desamparo

As temáticas do luto, do desamparo e da angústia foram investigadas por Freud com muito destaque. Em “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, Freud (1915a/2010) analisou as formas de sofrimento vivenciadas durante o período da Primeira Guerra Mundial. Nesse texto, ele fez alusão a dois aspectos atinentes à miséria psíquica dos não combatentes: a desilusão causada pela guerra e a atitude perante a morte.

Faz-se necessário, portanto, desconstruir ilusões que a própria guerra gerou. Tais ilusões estavam articuladas com ideias relacionadas à união dos povos civilizados, por exemplo, estrangeiro e inimigo não mais se fundiriam em uma única nação. Assim que a guerra se instaurou, veio a desilusão. Ela trouxe à tona o ódio e a repulsa, com os quais um povo pode voltar-se contra o outro: “ela destrói todos os laços comunitários entre os povos que combatem uns aos outros” (p.215).

A desilusão causada pela guerra revelou a incapacidade do sujeito de resolver conflitos de modo pacífico. Percebeu-se:

[...] uma descrença no poder da palavra como mediadora, da linguagem como suspensão da violência, como último refúgio do que é próprio ao homem, a possibilidade de substituir por palavras os seus atos, ou, mais ainda, de transformar palavras em ato (MATTUELLA, 2010, p. 70).

A situação explicitada acima não seria, de alguma forma, similar àquela vivenciada por sujeitos em condição de migração forçada? Sujeitos que, em razão de contexto de guerras, são obrigados a deixar sua pátria, suas raízes, sua família; e que, quando chegam a um novo lugar, deparam-se, novamente, com diversas práticas discriminatórias, repletas de ódio.

A devastação ocasionada por situações de guerra, conflitos e abandono do país de origem impõe aos sujeitos, no momento de chegada, um esforço de estabelecimento no novo país que, muitas vezes, está para além de suas capacidades — é esperado que eles construam

soluções frente aos impasses em seu laço social (ROSA, 2012a). De um lado, percebe-se que as respostas que vêm dos autóctones nem sempre estão fundamentadas em uma ética de solidariedade internacional (FREUD, 1915a/2010) e isso torna difícil a estruturação de laços sociais por parte dos imigrantes. De outro lado, esses indivíduos vivenciam muitas perdas afetivas de familiares e amigos, o que provoca insegurança e intenso sofrimento psíquico, assim como dificuldade de elaboração do luto.

O estabelecimento de normas morais impostas pela civilização provocou nos indivíduos restrições elevadas de si mesmos, como afirmado por Freud (1915a/2010): uma renúncia da satisfação instintual. A intervenção do Estado sobre o sujeito a que Freud alude dizia respeito à forma pela qual ele tem que abdicar das satisfações pulsionais para aceder aos seus direitos e práticas de justiça.

O Estado faz uso da injustiça e da violência com um discurso moralizante que coloca o sujeito como refém da palavra que vem da máquina do poder, o que nos faz pensar sobre o que Rosa (2012a, p. 69) discorre em relação ao discurso hegemônico do poder, que "visa a confundir o impossível (falta) com o proibido (lei), para governar o sujeito e sua trajetória na cena familiar, na cena social e política, incidir sobre seu luto, seu enlace em novos grupos e sua reorganização subjetiva, seu embate com a lei".

O sujeito envolto sob o domínio de suspensão de seu lugar discursivo no meio social passa a ter seus referenciais identitários ameaçados, o que justifica o sentimento de desamparo e o processo de subjetivação do luto, como um mecanismo psíquico de transformação dessa insuficiência, dessa perda no presente.

Tais constatações levam ao questionamento de como, diante do desamparo, os processos de subjetivação de perda nesse cenário social e político se organizam psiquicamente em sujeitos imigrantes.

1.1.1. Luto e melancolia

Para que haja um aprofundamento nas discussões sobre a situação de perda experimentada pelos refugiados, é imprescindível que seja feita uma referência a “Luto e Melancolia”, de Freud (1917/2010), obra central para esta pesquisa. Nesse artigo, ele definiu o luto como “a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, dentre outras” (p.172). Em seguida, tratou de diferenciar o luto da melancolia, na medida em que, nessa, há “um abatimento doloroso, uma cessação do

interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima” (p. 172).

No luto também estão presentes essas características, exceto uma: o rebaixamento da autoestima. Além disso, há uma variação importante no que se refere à percepção dos sujeitos face ao que foi perdido: no luto, tem-se consciência do que se perdeu, ao passo que, na melancolia, o sujeito *é inconsciente quanto ao que perdeu nisto que perdeu*. Trata-se, diz Freud, de "uma perda de objeto subtraída à consciência" (p. 175).

O sujeito imigrante no processo de subjetivação de perda, imerso em um mundo marcado pelo imediatismo, em que não há lugar para o passado, tem sua história relegada a um segundo plano, no qual a dimensão da palavra se perde. E como não há condições favoráveis para o processo de luto, esse é impedido, em função da condição de profundo desamparo que é comum aos sujeitos.

No contexto do imigrante, ele não apenas não consegue dar nome ao seu sofrimento como também não consegue recuperar o potencial transformativo das palavras. Segundo Rosa (2009, p.7), “ele idealiza os objetos, as pessoas, a natureza e as relações com o país de origem, tentando manter vivo um passado que deixa de ser, para ele, passado”. Dessa forma, o sujeito, em meio ao luto em que vive, apresenta “saudades da terra natal” e dificuldades de reconhecer o que deixou para trás, bem como passa a não se reconhecer no passado que se transformou.

Conforme afirmado por Rosa (2009), na chegada ao novo país, o migrante é lançado em um modo de produção alucinante e degradante: seus pensamentos lhe escapam por voltarem incessantemente ao passado, como uma forma de fugir do presente penoso e do futuro incerto que se apresenta. O que cabe destacar é que o sujeito, ao sentir que seus referenciais identitários foram atacados, percebe uma posição melancólica, de agressividade direcionada a si mesmo, narcísica, em que o sujeito não suporta perder o objeto no presente.

O sujeito em condição de migração forçada tem sido visto como um judeu errante, o *Ahashverus*, destinado a vagar sem pouso; essa metáfora aponta para a transitoriedade que o migrante tem diante de si, face a essa errância (ROSA, 2009).

1.1.2. A transitoriedade

Ao se discutir o luto e o desamparo no contexto da imigração forçada, é relevante pensar os modos pelos quais os imigrantes passam a lidar com a questão da transição forçada para o estrangeiro, experiência essa em que não se poupa de muitas perdas simbólicas.

Freud (1916/2010), em seu artigo “A transitoriedade”, traz uma reflexão que resultou de um passeio que fez na companhia de um amigo e de um poeta. Nessa ocasião, o poeta, adotando uma visão mais pessimista, acreditava que toda aquela beleza que seus olhos viam estaria condenada à extinção, que tudo que ele teria amado e admirado era transitório em seu destino. Freud contesta tal visão, argumentando a partir da analogia com a natureza, que tem o seu ciclo sempre renovado, que a transitoriedade do belo implica uma maior valorização. Nessa perspectiva, Freud concluiu que haveria “uma revolta psíquica contra o luto, o que depreciava para eles a fruição do belo” (FREUD, 1916/2010, p. 250). Isso significa que, diante da sensação provocada pelo sentimento da transitoriedade, o gozo da beleza fica prejudicado em função do luto ao que é fugaz, do que se perde.

Esse valor da transitoriedade pode ser atribuído ao estado de desamparo que o sujeito vivencia. Percebe-se que a noção de desamparo foi se desenvolvendo ao longo da obra freudiana. Em um primeiro momento, Freud (1895a/1996) faz referência a essa noção em “Projeto de uma psicologia científica”, na qual o desamparo surge nas primeiras experiências de vida, pela necessidade de sobrevivência do recém-nascido que depende do outro.

Para que o Eu se constitua, é necessário que ocorra uma separação entre o Eu e o Outro, haja vista que, no início da vida psíquica, o bebê ainda não é sujeito — é uma extensão da mãe —, em que não há uma delimitação entre uma realidade interna e externa. Os estímulos desagradáveis, como a fome, só são possíveis de serem desvencilhados a partir da dependência de um Outro. É somente quando um Outro, a mãe, traz o alimento que a descarga motora e, portanto, a evitação do desprazer pode realizar-se. A criança, então, faz uso de uma ação específica, que é o choro, o grito, signos que funcionam como um apelo à alteridade (ROCHA, G., 2010).

Posteriormente, Freud em “O futuro de uma ilusão”, fez uma análise do desamparo e da religião, em que afirma que a ilusão extrai sua força do desejo infantil de proteção. Nessa perspectiva, “as ilusões surgem como defesa contra o desamparo e se originam na imaginação, no espaço em que o teste da realidade não tem autoridade” (FREUD, 1927/2014, p.53). A religião, nesse sentido, traria alívio ao sujeito para suportar o desamparo psíquico com que se depara, ao responder aos “apelos pelo Pai”, nas palavras de Guilherme Rocha (2010).

Em “O Mal-estar na civilização”, entende-se que o desamparo foi fundamental para a edificação da civilização, tendo em vista que os indivíduos, ao sentirem o desamparo, teriam, desse modo, estreitado o relacionamento com outros como uma forma de superação coletiva de suas fragilidades (FREUD, 1930, 2010).

Ao pensar na situação do imigrante, pode-se refletir sobre o desamparo e o caráter transitório que ele vive: não só abandona seu país, mas tudo que se relaciona a essa experiência de emigração, sua família, sua cultura, o que podemos entender como uma experiência de castração. Essa passa a ser não somente uma experiência de limitação física, de privação material, mas também uma experiência de privação simbólica.

Esses sujeitos são de alguma maneira castrados, cortados dessa referência ao passado, às suas origens, à sua cultura e a sua família. Nesse sentido, nos momentos em que as pessoas vivenciam experiências de perda subjetiva, há uma tendência à intensificação do nacionalismo, como se fosse um mecanismo de compensação dessa perda (FREUD, 1916/2010). No caso dos imigrantes, podemos observar situações nas quais os sujeitos, em uma tentativa de manter “vivos” os laços que os unem às suas origens, buscam, ao morar em outro país, frequentar, habitar bairros destinados a eles — lugares esses vistos como verdadeiros guetos de imigrantes. Essa acaba sendo uma forma de eles conseguirem preservar suas referências identitárias.

Em se tratando de uma imigração mais recente, pode-se citar o exemplo dos latino-americanos no Brasil, especificamente, dos venezuelanos, que sob perda dos laços simbólicos, violências e práticas discriminatórias, não encontram esse espaço, não possuem essa força pulsional de constituição e permanecem isolados e desamparados.

1.2. Considerações sobre o trauma e a angústia e suas articulações com a migração forçada

Considerando que neste trabalho procura-se discutir os impactos psíquicos e sociais da experiência de perda das referências identificatórias em imigrantes forçados, torna-se igualmente importante entender como a angústia se estabelece em resposta às diversas situações que evocam o desamparo inicial.

Como já afirmado anteriormente, a experiência de desamparo trazida por Freud, que leva o sujeito ao sofrimento e transforma-se na angústia e na transitoriedade inerentes a sua dimensão existencial, “se manifesta tal como um grito, que tanto pode ser de desespero, quanto de apelo, na direção do Outro [...]” (ROCHA, Z., 2000, p.19). O imigrante, inserido em um cenário social no qual é visto de forma desqualificada, se depara com um universo totalmente alheio ao seu, onde não encontra espaço para se desenvolver como sujeito. Quais são as modalidades de endereçamento da angústia nesses sujeitos? Como é possível reivindicar um lugar para sua história em uma sociedade contemporânea que prega a urgência e a instantaneidade das relações com o mundo/Outro em um eterno já? Isso passa a ser um ingrediente a mais nesse processo de sofrimento psíquico. É em vista desses questionamentos

que esta pesquisa se direciona, para entender melhor questões relativas ao trauma e à angústia nos processos de subjetivação de sujeitos imigrantes.

1.2.1. Trauma

Para pensar o trauma, é importante refazer o percurso da teoria freudiana. Freud, em uma primeira elaboração da concepção de trauma psíquico, aborda acerca da sedução traumática. No período em que havia grande repressão sexual na educação dos sujeitos, sobretudo das mulheres, Freud escutava, com frequência, na fala de seus pacientes, conteúdos de caráter sexual. Diante disso, Freud concluiu, em 1896, que o trauma psíquico estaria na gênese da neurose como trauma sexual, em que a criança teria sido seduzida por um adulto (RUDGE, 2009).

A partir da noção de *Nachträglichkeit*, Freud observa que é somente em um segundo tempo que a experiência traumática passa a ter seus efeitos no sujeito. É quando o sujeito está na puberdade, em meio às suas lembranças infantis sexuais que ocorre o trauma (RUDGE, 2009). A defesa do Eu volta-se a esses conteúdos sexuais que foram recalçados, por meio de uma cena atual que remete à cena inicial pela via associativa (MAIA; DE ANDRADE, 2010).

Tendo em vista que a teoria da sedução traumática passou a não mais se sustentar, Freud, em uma carta dirigida a Fliess, em 1897, abandonou-a. Um de seus argumentos foi que a lembrança nunca recuperava o evento inicial. O traumatismo seria decorrente da libido do próprio sujeito, logo, impossível de evitar (MAIA; DE ANDRADE, 2010). Então, pensar essa teoria em um segundo tempo não dissociado do primeiro não faria sentido, pela lógica do *Nachträglichkeit*.

Segundo Rudge (2009), Freud, a partir de suas observações clínicas, passou a compreender a experiência traumática pela fantasia. Foi nessa segunda elaboração que ele percebeu que os temas sexuais, tão presentes nas falas de seus pacientes, poderiam ser da ordem da fantasia, do desejo das crianças em relação aos seus pais, primeiros objetos de afeto. Freud percebeu que, na análise, os analisandos lembravam-se das cenas sexuais infantis que foram construídas, mas ele não podia avaliar se os acontecimentos teriam realmente fundamento na realidade ou se seriam fantasia. Frente a essas dúvidas, Freud recomendou aos analistas não ficarem preocupados em "avaliar se os acontecimentos infantis relatados por seu analisando são realidade ou fantasia" (RUDGE, 2009, p. 24). Ele chegou, então, à importante conclusão de que

a experiência traumática assume seu valor a partir da realidade psíquica na qual se constitui e não em função de sua correspondência com os fatos.

É a partir de "Psicanálise das neuroses de guerra" (FREUD, 1919b/2010) que se observa uma mudança na concepção de trauma, quando, em decorrência da eclosão da Primeira Guerra Mundial, surgiram as neuroses de guerra, compreendidas como neuroses traumáticas. Nessa concepção, "a etiologia sexual está ausente, já que são desencadeadas por um perigo externo" (RUDGE, 2009, p. 41).

Os sintomas da neurose traumática decorrem de uma cisão do Eu, entre o Eu pacífico, antigo, e o Eu guerreiro, novo. Em uma tentativa de autopreservação, o Eu teme ser ferido e passa a defender-se de um perigo que o ameaça de fora, como uma consequência do medo da morte. Pode-se apreender que o traumático, em situações como o refúgio, se situa na desorganização das funções subjetivantes do Eu, numa busca de sobrevivência, de resistir aos perigos externos (GEBRIM, 2018).

Em "Além do princípio do prazer", Freud (1920/2010) fez uma reformulação teórica fundamental que inaugurou a segunda tópica, a respeito de um "mais além" do princípio do prazer. Como na neurose traumática há um mecanismo de compulsão à repetição, o psiquismo não estaria obedecendo ao princípio de obtenção de prazer e evitação do desprazer, como pode ser observado na rememoração do trauma dos sujeitos traumatizados. A repetição incide sobre pensamentos, alucinações ou sonhos, de forma angustiante.

Freud (1920/2010), então, amplia a visão acerca da pulsão, cuja propriedade é o fenômeno da compulsão à repetição. Nesse momento, Freud constatou que o objetivo da pulsão não é só obter satisfação, mas é, primordialmente, retornar a um estado antigo, traumático, do passado, de trazê-lo ao presente e restaurá-lo (NASIO, 2014). Essa afirmação ratifica a operação dos sonhos traumáticos de repetição, que não possuem a função de realizar desejos, mas decorrem de uma tendência ainda mais primitiva que o princípio do prazer. A repetição serve de fundamento para o funcionamento da pulsão de morte, na tentativa de repetir um estado ainda mais anterior, inorgânico (LOPES; VINHEIRO, 1990). A compulsão à repetição expressa um papel fundamental, não apenas de recordar e repetir um fato patogênico recalcado, mas, também, elaborar a lembrança reconstituída (KAUFMANN, 1996).

Percebe-se que, nos sonhos traumáticos de repetição em situações catastróficas, os sonhantes retornam compulsivamente à situação do acidente e despertam com terror, apresentando sintomas recorrentes, como insônia. Fica claro como a situação traumática pode impor aos sujeitos que foram desenraizados um esforço de simbolização que está além de suas

capacidades no momento, uma inscrição que o psiquismo não suporta. O Eu, no intuito de se autopreservar, por não se recordar da situação traumática de desamparo, repete ativamente a experiência, só que de forma atenuada para conseguir dominar psicicamente o evento (FREUD, 1926/2014).

O trauma, na experiência de adiamento de um evento, nas palavras de Caruth (1995): "não é assimilado ou experienciado de forma plena naquele momento, mas tardiamente, na possessão repetida daquele que o experienciou". Ou seja, o trauma e as perturbações a ele associadas são tentativas que o psiquismo tem de se preparar retrospectivamente para um evento que já ocorreu, como uma forma de dominá-lo, e que permanece na memória enquanto possibilidade de experiência (NESTROVSKI; SELIGMANN-SILVA, 2000).

Em "Recordar, repetir e elaborar", Freud (1914/2010) já havia apresentado o conceito de compulsão à repetição, cujo mecanismo nos mostra que aquilo que o sujeito não recorda, atua, repetindo inconscientemente. A repetição traz de certa forma um problema para a psicanálise, não só para a vida infantil, de algo que rompe e vai obstaculizar o tratamento da neurose, mas algo que escapa da palavra, daquilo que não foi simbolizado e encontra-se na ordem do gozo.

Lacan (1964/1985), no "Seminário 11", retoma Freud para denominar os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, sendo um deles o mecanismo da repetição. Fink (1997), ao se debruçar em torno da repetição, afirma que essa consiste em um retorno do diferente, de outra coisa que seria distinta, caso não houvesse o significante, tendo em vista que ele permite identificar conexões entre eventos que são idênticos. É ele que irá possibilitar o estabelecimento de uma série metafórica ou metonímica pela qual o desejo perpassa.

Lacan faz uma distinção entre "automaton" e "tiquê", a partir de uma análise da teoria das quatro causas de Aristóteles, sendo que o primeiro se configura pela rede de significantes, comandada pelo princípio do prazer, ao passo que a segunda, é a que marca o inassimilável, o faltoso, e que, portanto, se configura no real (LOPES; VINHEIRO, 1990). Quando se refere ao real, Lacan diz que é o que retorna sempre ao mesmo lugar, sendo nessa repetição que se "funda o próprio mundo enquanto realidade psíquica" (LOPES; VINHEIRO, 1990, p. 79).

Na Clínica do Traumático com migrantes, é identificado no trauma o tempo subjetivo. Nas palavras de Rosa (2009, p.502), "(...), o trauma, esse instante perpétuo, toma conta de toda possibilidade de uma questão subjetiva, encontrando como resposta a repetição do silêncio, a perpetuação da angústia ou o impedimento de processos subjetivos do luto".

Os solicitantes de refúgio, em sua condição errante de desejo, não conseguem subjetivamente dar nome ao seu sofrimento. Em consequência de a inscrição simbólica não ter sido possível, as experiências que atravessam seus processos psíquicos se repetem. A memória que não cessa de lembrá-lo de sua condição, a destruição dos laços e as experiências de repetição vão contornando o sujeito em toda sua jornada. Sujeitos estilhaçados, que em busca pela sobrevivência vivenciam o horror, a falta, a loucura. As guerras, as violências trazem a devastação, impedem o restabelecimento dos mesmos, a esperança de restituir o laço perdido e acarreta graves crises psíquicas, como a irrupção da angústia (GEBRIM, 2018).

1.2.2. Angústia

Para nos debruçarmos sobre a concepção de angústia em Freud, é necessário trazer os três contextos nos quais é desenvolvida. Primeiramente, o termo “angústia” é empregado quando Freud trata as "neuroses de angústia", em "Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia" (FREUD, 1895b/1996). Freud destaca que a neurose de angústia é definida por um "acúmulo de excitação" sexual que acomete o indivíduo, ao considerar que o oposto disso seria a neurastenia, que está relacionada a um "empobrecimento da excitação" sexual. Portanto, a angústia irrompe quando tal acúmulo de excitação somática não sofre uma descarga suficiente, na medida em que não é transposto o limite entre o somático e o psíquico e, em consequência, a única maneira da tensão sexual escoar é por meio da transformação em angústia.

Posteriormente, em "A interpretação de sonhos", Freud (1990/1996) considera que a angústia não se restringe a uma cota de energia física que fica retida no corpo, mas passa a ser vista como um mecanismo de defesa no que se refere ao desejo, que, por sua vez, é preservado pelo recalque (SANTOS, 2009).

Em "A Repressão", Freud (1915b/2010) continuou debruçando-se nas questões da angústia a partir de reflexões em relação à operação do recalque. Nesse contexto, é visto que a angústia se situa naquilo que não é representável, uma vez que o representante psíquico que sofreu o processo de recalque pela consciência tem seu montante de investimento transferido para outros representantes. É nessa cota de investimento pulsional que a angústia se situa. Diante disso, ela é um afeto que remete "à incidência dos investimentos libidinais do sujeito" (SANTOS, 2009, p. 22).

É em "Inibição, sintoma e angústia" que Freud (1926/2014) apresentou sua última concepção a respeito da angústia, que passa a ser produzida por intermédio do Eu, tendo como

alicerce o investimento libidinal dos impulsos pulsionais. Contrariamente ao que se pensava anteriormente, Freud reelaborou a ideia de que a angústia surge em um momento posterior ao recalque, haja vista que os impulsos pulsionais de caráter angustiante sinalizam um perigo ao Eu, e, assim, sofrem o recalque. A partir de agora, a angústia passa a produzir o recalque.

A fim de ilustrar a tese de como os representantes pulsionais edipianos são recalcados na busca de evitar o que a angústia demarca, Freud recorre ao exemplo do caso do pequeno Hans, quando se refere à angústia de castração, encoberta pelo processo de repressão que atinge os impulsos instintuais hostis e afetuosos em relação ao pai, bem como os impulsos afetuosos no que concerne à mãe (SANTOS, 2009).

Na medida em que a perda é considerada a partir da ameaça de castração, a perda do objeto sinaliza para o indivíduo um perigo, demarcado pela angústia. Conforme já afirmado anteriormente, a angústia se estabelece em situações traumáticas, cuja origem se encontra no desamparo inicial. Assim, toda vez que o perigo e a tensão libidinal se mostrarem intensos para a criança, o afeto da angústia traduzirá a falta do objeto, quando a mãe não está (FREUD, 1926/2014). Essa primeira experiência traumática pode ser ilustrada quando Freud (1920/2010) observou o mecanismo da repetição nas brincadeiras das crianças que remetem a situações que lhes foram desprazerosas anteriormente e que passam a repetir compulsivamente.

A angústia, nessa perspectiva, é emitida como um sinal de segurança "para que o contorno do objeto se institua [...], mas o que esse contorno implica é o próprio vazio deixado pelo objeto" (SANTOS, 2009, p. 45).

Contrariando a perspectiva de que a angústia traduz a falta do objeto, "quando a mãe não está", Lacan (1962/2005) argumenta que é justamente quando a mãe está, ou seja, é na presença desse objeto que a angústia faz sinal. Tal como no sonho de angústia, quando o sujeito desperta e o interrompe, a angústia sinaliza, no momento em que o real se insinua, como uma forma de defesa que o sujeito encontra de não acessar os conteúdos que a remetem. Afinal, segundo Lacan, a angústia é "o único afeto que não se engana", pois denuncia o ponto em que o desejo e o real se conectam. Um exemplo disso é a ambivalência da relação da fantasia e do desejo, no instante em que o sujeito acorda para continuar dormindo em sua fantasia (PEIXOTO, 2003).

A fim de refletir a migração forçada à luz da angústia, esta pesquisa busca fazer articulações iniciais com alguns dos trabalhos de Rosa. Neste trabalho, Rosa (2009) chama atenção a um primeiro tempo referente à angústia, em que é vinculada ao sentimento Infamiliar, ao *Unheimlich*. O sujeito migrante custa a se localizar no encontro com situações que evocam

o desamparo inicial. A autora, desse modo, ao pensar a Clínica do Traumático com imigrantes, acredita que exista um tempo subjetivo, e frisa que nesse encontro traumático não é possível se pensar a angústia pela via do sintoma, como no caso da angústia neurótica de Freud. Sobre este primeiro tempo, Rosa (2009) afirma:

Este tempo no qual o sujeito custa a se localizar tem efeitos na sua posição subjetiva e no laço social. Entre a angústia e o desejo, é necessária a elaboração do luto em face do perdido, pois dessa maneira o sujeito reconstitui não somente sua imagem, mas recompõe o lugar a partir do qual se vê amável para o Outro (ideal do eu), reafirmando uma posição que lhe permita localizar-se no mundo. Para recompor um lugar discursivo, para que faça laço social, é preciso reconstruir a história perdida na memória, reconstrução que já implica uma deformação, permitindo o luto e uma resposta à ficção, uma reinterpretação do passado que modifique o seu lugar (ROSA, 2009, p. 503).

A partir de uma leitura lacaniana, Rosa (2012c) assinala que em conflitos de guerras e violências percebe-se uma posição melancólica do sujeito e uma suspensão do luto, e é nesse contexto que a angústia sinaliza "justamente quando não há distância entre a demanda inconsciente e a resposta do Outro, quando se perde a distância entre o enunciado e a enunciação" (p.32).

A realidade social na qual o migrante está inserido, marcada por violências, precariedade e violação de direitos humanos, coloca-o em uma situação de profundo sofrimento psíquico (GEBRIM, 2018). Diante das perdas das referências identificatórias, o sujeito, em meio à luta de conseguir melhores condições de vida, deixa suas raízes, seus familiares, não consegue se situar no presente e assimilar tantas mudanças, os pensamentos o atormentam, os quais despontam em perguntas como: "por que isso veio a acontecer comigo?"

Em sua travessia, diversas questões linguísticas e culturais o invadem e as modalidades de subjetivação do luto encontram-se ancoradas no rompimento do laço identificatório com o semelhante, em um abalo narcísico (ROSA, 2012b). É necessário um tempo para que se organize subjetivamente, e nesse contexto é indispensável um modelo de clínica que ofereça suporte para os sujeitos em suas demandas emergenciais e específicas. Tendo um lugar de escuta qualificada, o sujeito pode recompor sua história e seu laço com o Outro.

O silenciamento mortífero do sujeito, em decorrência da intervenção do Outro totalitário, é uma das modalidades de respostas que surgem diante do traumático, na posição subjetiva e no laço social. Conforme Rosa (2012a, p.72) traz em suas discussões, o sujeito é "silenciado sob o signo da morte (...)". Como o refugiado pode conseguir localizar-se subjetivamente se ele passa a não ter um destino certo? Como "aterrissar" e estabelecer-se em

um lugar se ele se encontra apenas como um passageiro sem destino, sem lugar, e lhe é vedada a experiência compartilhada?

Ainda a respeito desse silenciamento a que Rosa (2012a) se refere na Clínica do Traumático, uma direção possível de tratamento seria sintomatizar o silêncio que é presente na angústia. Em sua argumentação, diz que para ser possível tratar o trauma desses sujeitos que são submetidos à intervenção do Outro totalitário, que reduz os sujeitos a restos e que nesse movimento acaba por anulá-lo em sua dimensão subjetiva, é necessária, como já afirmado anteriormente, a reconstituição do laço social. Por meio desta reconstituição é que o sujeito pode, em sua elaboração psíquica, dar voz, construir um lugar no discurso e dar um contorno simbólico do sintoma a partir da posição do analista frente a esses conflitos subjetivos.

Face ao que foi discutido até aqui, o caso de pessoas que foram forçadas a deixar seu país por conta de crises políticas ou de guerras suscita reflexões sobre como os processos psíquicos operam, com quais impasses os sujeitos deparam-se na entrada em uma outra cultura que lhe é estranha. Como é que a angústia, vista por esse ângulo de um tempo subjetivo, pode suspender as elaborações das migrações forçadas e afetar o sujeito sobre determinados conteúdos inconscientes fantasmáticos que já estavam presentes antes de seu deslocamento, porém velados? Como as experiências de angústia podem afetar esses sujeitos e colocá-los em impasses que culminam no rompimento com o campo simbólico? O que tais experiências revelam de inassimilável?

É em torno dessas questões que o próximo capítulo discutirá o *Unheimlich* na deflagração da angústia daqueles que são afetados pela desterritorialização.

CAPÍTULO 2 – *DAS UNHEIMLICHE*: NO ENCONTRO COM AS EXPERIÊNCIAS DE ANGÚSTIA E DE PERDA DAS REFERÊNCIAS IDENTIFICATÓRIAS

Neste capítulo, aborda-se o conceito freudiano de “*Das Unheimliche*”, o qual, tal como enunciado nos objetivos, constitui-se como uma referência central para as análises empreendidas nesta pesquisa.

2.1. *Unheimlich* na perspectiva freudiana

Freud denomina “*Das Unheimlich*” como um sentimento aterrorizante, infamiliar. Frente às diversas traduções de *unheimlich* em outras línguas, encontram-se alternativas como: estrangeiro, estranho, inquietante, obscuro, entre outros (MARTINI; COELHO JUNIOR, 2010). É uma palavra considerada intraduzível, pelo caráter singular que ela assume na língua alemã.

Nesta pesquisa, para a tradução de *Das Unheimliche*, adotamos a solução proposta por Ernani Chaves e Pedro Heliodoro na edição da "Obras incompletas de Freud": O Infamiliar (FREUD, 1919a/2019). Os tradutores justificam que é a palavra que melhor expressa em português a palavra-conceito *Unheimliche*. De tal modo que *heimlich*, assim como na língua portuguesa, quer dizer familiar, algo que o sujeito reconhece como íntimo e conhecido, mas também significa algo desconhecido, como estranho e oculto. Já o *unheimlich* é uma negação sobreposta ao *heimlich* com a inserção do prefixo *-un.*, ou seja, a expressão “Infamiliar” descreve uma reduplicação dessa negação. Tal prefixo, *-Un|heimlich*, é, nessas condições "a marca do recalçamento" (FREUD, 1919a/2019).

Segundo Cassin (2004, *apud* IANNINI E TAVARES, 2019, p.363), o sentimento de “*Das unheimlich*” vivenciado pelo sujeito moderno é “dar-se conta de que não estamos em casa em casa”. Assim, conforme reiterado por Marguerite Duras, “é em uma casa que a gente se sente só. Não do lado de fora, mas dentro” (DURAS, 1994, *apud* IANNINI E TAVARES, 2019, p. 12). Nessa perspectiva, na ótica do migrante, pode-se refletir que ele está excluído, não só do lado de fora, mas também do lado de dentro. O Infamiliar é o retorno disso que foi excluído do lado de dentro.

Freud afirma que aquilo que é novo torna-se facilmente assustador e Infamiliar, de modo que “o Infamiliar seria propriamente algo do qual sempre, por assim dizer, nada se sabe. Quanto mais uma pessoa se orienta por aquilo que se encontra à sua volta, menos é atingida pela impressão de infamiliaridade quanto às coisas ou aos acontecimentos” (FREUD, 1919/2019,

p.33). Pode-se pensar que o imigrante, como qualquer sujeito na experiência do desamparo, nada sabe nesse encontro com o Outro. É o Infamiliar das vivências na qual o imigrante “sabe da perda, mas vive como se esta não se houvesse processado” (ROSA, 2009, p.7).

O Infamiliar sinaliza duas questões: uma de natureza ética, e outra, estética. A primeira diz respeito à relação do sujeito com a realidade externa, com as pessoas, com o mundo; e a segunda, à relação com a sensibilidade, a *aisthesis*, com aquilo que nos afeta (CHAVES, 2019). Freud inspirou-se no conto do "Homem de Areia", de Hoffmann; para explicar estas questões, uma vez que aquilo que suscita angústia e horror já era um tema presente no sublime moderno filosófico (ROCHA E IANNINI, 1919).

O imigrante, nessa perspectiva, em seu processo de deslocamento forçado, vivencia uma realidade própria que o afeta simbolicamente. As perguntas que se fazem, portanto, são: como essa experiência excede sua capacidade de elaboração simbólica? O que se revela na relação dele com o Outro?

Pode-se pensar que o sujeito, através do recalque, pode velar algum conteúdo inconsciente que emergiu nesta relação exterior e com o outro, na ocasião de sua travessia para o estrangeiro na medida em que, na experiência de infamiliaridade, o novo não é exatamente novo, ele traz uma experiência, um conteúdo que já foi íntimo da história do sujeito em algum momento.

Passos (2005) tece reflexões importantes acerca da experiência de quem imigra, que é a de se tornar um estrangeiro, que por sua vez, tem como consequência o estabelecimento de uma vasta quantidade de relacionamentos com sujeitos que são tão estrangeiros para ele quanto ele o é para eles. Ou seja, ocorre um paralelismo em que se percebe, em cada encontro no cotidiano, o desafio de compreender e ser compreendido. Uma questão considerável que surge em nível identitário é a possibilidade de ser reconhecido como ser humano e de encontrar um lugar na comunidade à qual se insere.

É como diz Freud em uma carta respondendo a Einstein a respeito da guerra: o edifício da sociedade humana se sustenta a partir das identificações, dos interesses e sentimentos comuns. Quanto aos processos identitários, Passos (2005, p.19) enfatiza:

No momento em que o imigrante se vê como um estrangeiro, um ser singular, exótico ou talvez ameaçador, se encontra em uma jornada em que os parâmetros de referência para a construção de representações de si mesmo mudam. O espelho muda, a dependência com a nova imagem refletida pode convidar o sujeito imigrante a se representar de outra forma (PASSOS, 2005)

Assim, o imigrante depara-se com um cenário que faz surgir a experiência do Infamiliar, a qual emerge como uma consequência da fragmentação do Eu, de uma desorganização de sua subjetividade em que a imagem refletida no espelho se modifica, necessitando da transformação de uma nova representação de si. E isso traz uma outra consequência que tem relação com a questão do duplo, que reaparece quando a imagem do Eu não mais oferece um suporte identitário e é fragmentada no espelho. O duplo implica a dimensão de recurso subjetivo para lidar com uma situação de desamparo e de angústia em que o sujeito "é levado, no limite, a se reconhecer estranho a si próprio" (ROCHA E IANNINI, 1919, p.235).

Passos (2005) acrescenta que Freud, em "O Infamiliar" (1919/2019), conclui que determinado conteúdo recalçado por um sujeito pode ser projetado em outro, como no exemplo de um estrangeiro em face a um autóctone. Desse modo, na visão daquele estrangeiro, o autóctone adquire um caráter angustiante, despertando um sentimento de estranheza, de algo que é familiar, mas ao mesmo tempo desconhecido. O estranho é que embora dentro, também está fora, é o outro em uma perspectiva de alienação. A imagem desse outro, de alguma forma o faz lembrar a sua própria, isto significa que o Infamiliar traz à tona aquilo que estava recalçado. Pode-se dizer que o sujeito, impedido de reconhecer em si o que não pode sustentar simbolicamente, por conta das interdições adquiridas na estruturação das relações sociais, corre o risco de projetar no outro esse sentimento de infamiliaridade (PASSOS, 2009). É necessário destacar que essa situação não é exclusiva do imigrante, mas comum aos sujeitos. Por isso, nesse caso, o imigrante também poderia despertar no autóctone esse sentimento Infamiliar.

No que concerne à imagem do sujeito na experiência do Infamiliar, pode-se fazer uma articulação entre o olhar e a castração nessa perspectiva de representação de si, pois a imagem aponta a castração. A ameaça de perda do olho, que é um órgão tão precioso ao sujeito, reflete a angústia que está ligada ao complexo de castração, como no caso do conto de Hoffmann, quando se substitui o homem de areia pelo temido pai que espera a castração (RIVERA, 2007). É nisso que está o angustiante da experiência de *Unheimlich*. Essa estruturação imaginária que remete à visão, e à qual Lacan se refere em seu esquema do Estádio do Espelho, é na que o Infamiliar aparece, "quando, no espelho, surge a dimensão de um olhar que não mais parece olhar para o sujeito" (SANTOS, 2009, p.53).

2.2. A relação da angústia com a experiência do *Unheimlich*

Na medida em que estamos discutindo a experiência de *Unheimlich*, convém assinalar que Lacan recorreu a este fenômeno descrito por Freud, articulando-o com a questão da angústia. O intuito aqui não é debruçar-me na amplitude da teoria lacaniana, porém identificar alguns aspectos que esclareçam as questões atinentes à migração forçada. O objeto *a* elaborado por Lacan (1962/2005) sinaliza a angústia, representada pela imagem do vazio, quando a própria falta vem a faltar.

Para Lacan (1962/2005), o vazio, a dimensão da falta refletida no espelho, é essencial para a constituição da imagem, e para que ela se preserve, é necessário que uma estrutura especular se sustente. E caso ocorra uma perturbação nesse lugar de falta na imagem, é quando irrompe a angústia, suscitada pelo Infamiliar na impossibilidade da falta, onde o objeto *a* que deveria permanecer ausente aparece no lugar do $-\phi$, da castração imaginária. Ou seja, para que o sujeito se identifique com sua imagem refletida no espelho e para que possa, *a posteriori*, contemplar outras imagens, é preciso que "algo seja cortado na transposição da libido do corpo à imagem especular" (SANTOS, 2009, p.54). A castração imaginária, nesse ponto de vista, desempenha um papel fundamental de demarcar a ausência na imagem, tendo como condição a perda do objeto *a*. Caso contrário, a angústia é sinalizada.

Conforme já relatado no capítulo anterior, a experiência da angústia, para Lacan, está relacionada à ausência de limite. É o que mais se aproxima do real, tem a ver com a falta da falta; é quando a mãe, a figura do Outro, está excessivamente presente, não permitindo a aparição da falta, como podemos observar na castração imaginária do caso do Pequeno Hans. Quando a "falta falta", o desejo não pode subsistir. Há nesse caso uma relação da angústia com o desejo do Outro, tomando o Outro enquanto lugar do significante no campo simbólico (RINALDI, 2010).

É imprescindível, nesse estudo, voltarmos-nos para o conceito de sujeito, para entender a relação do imigrante com o campo do Grande Outro. Segundo Lacan (1962/2005), o sujeito está determinado pelo significante mais simples, constituído pelo traço unário, cujo ponto de origem revela a noção de alteridade, do Outro primordial.

É bem sabido na psicanálise que o sujeito se constitui a partir de um Outro, e que é através dele que vêm as trocas simbólicas que percorrem a sua história. De acordo com Elia (2010), as produções simbólicas estão no campo da linguagem e estão sob o intermédio do significante. A criança, antes mesmo de nascer, já é encoberta por elementos de demandas e desejos que lhe são dirigidas e que se relacionam com os significantes do Outro.

Quando acima nos referimos sobre a relação da angústia com o desejo do Outro, tese desenvolvida por Lacan, queremos destacar que o desejo é do Outro, na medida em que o sujeito se constitui como ser da linguagem a partir do Outro primordial. O que angustia é o desejo do Outro. O sujeito lança questionamentos sobre o que ele quer, perguntas em relação ao seu próprio desejo. A angústia, segundo Leite (2011, p.43), "é uma experiência que concerne diretamente ao eu, à imagem própria e ao desejo do Outro. O momento da angústia é aquele em que o sujeito se sente premido no mais íntimo de si pela presença do Outro, momento da emergência da questão: *que queres?*".

A partir das considerações sobre como a angústia constitui-se diante dos impasses da relação entre desejo e identificação, faz-se necessário discorrer sobre as associações da experiência migratória e a questão da identidade do sujeito. Desplechin (2013), ao propor a Clínica da Identidade, acredita que pensar a identidade através da experiência migratória conduz à hipótese de que o acesso a si mesmo está atrelado a uma experiência da presença do Outro.

Nesse sentido, o exílio pode ser interpretado como uma experiência de alteração da relação com o Outro, ou seja, como uma experiência que poderia conduzir o sujeito a uma alteração da relação consigo mesmo. Dessa forma, podemos presumir que o sujeito envolto nesta experiência vivida como traumática, em seu processo de subjetivação, não dispõe de recursos para lidar com a situação de desamparo e de encontrar suporte para gerar uma resposta que a realidade externa não fornece. A angústia surge no sujeito quando não há distância entre a demanda inconsciente e a resposta do Outro, e nessas circunstâncias, é que ele se depara com o sentimento Infamiliar (ROSA, 2015).

Face ao exposto, pode ser feita uma suposição acerca da experiência do sujeito imigrante sentir-se estrangeiro em si mesmo, na medida em que ocorre um deslocamento subjetivo atravessado por processos identificatórios. O deslocamento forçado poderia representar, inconscientemente, para o sujeito uma perda que envolve também sua identidade, do medo de se tornar outro que não ele próprio. E, nesse sentido, pode-se pensar na discussão que Desplechin (2013) levanta sobre a angústia do esquecimento, da possibilidade do sujeito, em sua fantasia, sentir-se esquecido em termos simbólicos, em uma representação inconciliável do medo de ter sido esquecido pelos seus próximos. Esta representação, segundo o autor, leva-o a recalcar a cada momento que a ameaça surge na consciência. E, nessa dimensão, pode-se pensar acerca da experiência do Infamiliar; quando aparece algum evento novo que ao mesmo tempo

não é novo, retoma conteúdos mais antigos, isto é, experiências e desejos que já foram muito íntimos ao sujeito no seu desenvolvimento psíquico, como no caso de sentir-se abandonado.

A partir dessas afirmações, é possível assegurar que o encontro com o *Unheimlich*, enquanto fonte de angústia, carrega uma articulação com a intimidade e a diferença do que é íntimo ao sujeito e "estranhamente familiar" (ROSA E NOGUEIRA, 2017). Nesse sentido, ao explorar a dimensão estética, apreende-se "o aterrorizante, o que suscita angústia e horror (...) a angústia aqui se revela dotada de um 'núcleo' estético, algo 'que permite diferenciar, no interior do angustiante, algo 'Infamiliar'" (FREUD, 1919/2019, p.29).

Sob a ótica do imigrante, aquilo que o sensibiliza, que o afeta, tem como efeito a desorganização subjetiva, "através de uma experiência de não identidade, de resistência de um elemento à sua subsunção na esfera do mesmo, representada pelas qualidades do Eu" (ROCHA E IANNINI, 2019, p.232).

Dessa articulação entre intimidade e diferença proposta por Rosa e Nogueira (2017), o sujeito constitui-se no movimento entre "eu" e o "outro", diferença que o Freud já havia remarcado anteriormente; aquilo que é íntimo para o sujeito não necessariamente se situa só no que está no interior, mas no que está no campo do outro; no que está externo e, ao mesmo tempo, está dentro. É isso que Lacan traz no termo cunhado por ele, "extimidade", em que "o mais íntimo do sujeito estaria fora dele" (ROSA E NOGUEIRA, 2017, p.192). Percebe-se, nesse sentido, a conexão da ética e da estética do *Unheimlich*, uma vez que o sujeito se constitui na realidade externa, na presença do outro, que evoca o que há de mais íntimo de si mesmo.

No estádio do espelho, ao referir-se ao processo de formação do Eu, Lacan enfatiza que a transformação do sujeito é produzida por meio do processo identificatório, "na medida em que ele 'assume uma imagem'" (ROCHA E IANNINI, 2019). Frente a essa afirmação, questiona-se: como assumir uma imagem se a própria migração forçada é ocasião para que os sujeitos imigrantes em seus processos identificatórios não se reconheçam, e sejam, assim, acometidos pela fragmentação do eu, que evoca o estranhamento? Como esses sujeitos se restabelecem, se não há condições favoráveis para se localizarem subjetivamente "no estranho 'país do Outro'"? (FUKS, 2000, p.85, citado por ROSA E NOGUEIRA, 2017).

O aspecto ético do Infamiliar na perspectiva da migração forçada vincula-se à ideia de uma disposição daqueles que recebem o imigrante, onde ele encontre espaço, possa habitar e dar novos sentidos às suas experiências e representações, enquanto passador da cultura¹,

¹ No original "*le passeur*", termo cunhado por HASSOUN, Jacques. **Los contrabandistas de la memoria**. Buenos Aires: Editorial de la Flor, 1996.

portador de um lugar, de uma história. Esse é um ponto de vista que os autores Rosa e Nogueira (2017) trazem a respeito da posição do analista, do *ethos* na clínica com refugiados.

Revisitando a noção de transferência, as reflexões em torno de tais *ethos* e dos sentidos do *Heim*, da casa, do estrangeiro, do habitante e do inabitável, nos sugerem que algo da disposição de morada precisa ser construído. Será necessário alguém que sustente o lugar de *passador*, de transmissor da cultura, a fim de produzir a elaboração das experiências inassimiláveis (ROSA E NOGUEIRA, 2017, p. 195).

É fundamental, nesse processo, que esses sujeitos possam aceder à palavra e reestabelecer seu lugar discursivo, para que o movimento entre o indizível e o possível de ser nomeado construa-se diante dessa experiência traumática vivenciada pelo sujeito, levando em consideração que, sem essa possibilidade, o sujeito dificilmente "habita o lugar", por não poder recorrer a uma identidade que se valida por meio do reconhecimento do Outro (DESPLECHIN, 2013).

Tomando todos os pontos discutidos nesse capítulo como relevantes para se pensar os processos psíquicos concernentes aos sujeitos imigrantes/refugiados, sustentam-se alguns questionamentos que deram origem a essa pesquisa: como se dão os processos de subjetivação desses sujeitos em meio às condições desfavoráveis ao luto? como ocorrem os processos de reconhecimento em meio às experiências de infamiliaridade que lhes atravessam?

O título da pesquisa, "Refugiados em si...", faz referência à experiência do imigrante de sentir-se estrangeiro em si mesmo, haja vista que "o encontro com o *Unheimlich* traz algo que remete ao diferente, ao estrangeiro, revelando o confronto com certa alteridade presente em si mesmo" (ROSA E NOGUEIRA, 2017, p. 192).

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO DISCURSO

Este terceiro capítulo é dedicado à investigação dos temas discutidos nos capítulos anteriores a partir da análise do material obtido da entrevista aberta com uma imigrante venezuelana. Foi realizada uma entrevista com dois encontros em 2020, por meio do formato de videoconferência, em que foram exploradas questões atinentes a seu processo de migração forçada.

A participante migrou para Manaus há dois anos em função da grave crise política e econômica que ocorre na Venezuela. É válido, inclusive, ressaltar que o ápice dessa crise ocorreu justamente na época em que ela estava refugiando-se no Brasil, ocasião em que o número de deslocamentos aumentou consideravelmente.

Pretende-se, primeiramente, antes de apresentar as análises da entrevista, contextualizar o cenário dessa crise. Em 2018, o CONARE (Conselho Nacional para Refugiados) reconheceu a situação grave e generalizada de violação de direitos humanos na Venezuela, e com isso, houve uma facilitação de entrada e documentação dos imigrantes. Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2019), entre 2018 e 2019, o número de migrações forçadas da Venezuela aumentou em um milhão. No Brasil, foram mais de 178 mil solicitações recebidas. O nível de vulnerabilidade a que os venezuelanos estão expostos é expressivo, muitos deles demandam assistência humanitária, com necessidades urgentes de comida, saúde e proteção contra as diversas violências a que estão submetidos (ACNUR, 2019).

Quanto aos fatores que levaram ao colapso do país, cabe citar a crise do petróleo cujas reservas são a única fonte de receita do país. Durante os anos de 2004 e 2015, o país dependia das vendas dos barris de petróleo, e nessa época, havia a apresentação de bons resultados, pois o valor do barril estava elevado. Porém, quando em 2014 o preço começou a cair por conta de desacordos comerciais com outras nações produtoras, a Venezuela recebeu menos dinheiro desse principal produto e também, houve uma queda na sua produção. Como o país dependia exclusivamente da venda de petróleo e não investia no desenvolvimento agrícola e industrial, ficava na dependência de importações de tudo o que era consumido no país. A partir desse momento, por faltar dinheiro para importação, em 2016 começou o desabastecimento de produtos. Faltava tudo: medicamentos, alimentos nos supermercados, entre outros (CORAZZA E MESQUITA, 2018).

Além da crise do petróleo, houve hiperinflação, como consequência da tentativa do governo de supervalorizar a moeda venezuelana. A hiperinflação contribuiu para uma menor

circulação das cédulas de dinheiro e também para uma pulverização da renda. Outro fator central foi a crise política, que já vinha assolando o país. Só que nos últimos anos ela se agravou e o país encontra-se dividido entre chavistas e opositores. O chavismo, que veio com o Hugo Chávez no poder, tem como uma das suas bases uma maior intervenção do Estado. Em resumo, vários elementos da instabilidade política favoreceram para que o país chegasse a essa crise, destacando-se, sobretudo, o aumento exponencial da violência, da fome e do êxodo (CORAZZA E MESQUITA, 2018).

Em 2020, ano dessa pesquisa, estreou-se um documentário que retrata histórias de mulheres venezuelanas refugiadas no Brasil. O documentário chama-se "Adelante — a luta das venezuelanas refugiadas no Brasil", e foi realizado pela jornalista Luiza Trindade, em parceria com o jornal O Globo nas dependências do abrigo Casa Papa Francisco. Esse filme expõe as razões que levaram essas mulheres a deixar seu país, suas famílias, suas raízes, e também expõe o difícil processo de luta de sobrevivência no momento de chegada ao Brasil. Entre suas falas encontra-se a precariedade que assola a Venezuela, a falta de medicamentos, a necessidade de escolher entre comprar remédios ou comer, o fato de muitas mulheres e crianças serem acometidas pela morte, e o preço exorbitante dos alimentos. E, para além disso, acrescenta-se a questão do refúgio no Brasil, de chegarem a outro país e não terem para onde ir, como trazido por algumas das entrevistadas: ter que dormir nas ruas, por meses (DURAN, 2020).

Documentários como esse são importantíssimos para dar visibilidade a uma realidade tão atual e que, ainda assim, desperta muitas discriminações e invisibilidades. Dar lugar de fala a essas mulheres é uma forma de criar consciência e mudanças na sociedade (DURAN, 2020). É como diz Luiza Trindade, diretora do filme: "nós, mulheres, já sofremos todos os dias com machismo e opressão. Como mulheres e refugiadas, elas sofrem isso numa intensidade ainda maior. Espero que o documentário, de alguma forma, gere alguma transformação positiva na realidade delas".

Portanto, esta pesquisa também tem a intenção de expor a realidade da migração forçada por meio das modalidades de subjetivação e de sofrimento psíquico vivenciados pelos refugiados, trazendo à tona a necessidade de esses sujeitos terem mais visibilidade a partir de um lugar de escuta, em suas demandas emergenciais.

A partir da contextualização do cenário que provocou a migração forçada da participante de pesquisa, discorre-se sobre as estratégias metodológicas que fundamentaram a elaboração desse trabalho. Em seguida, será realizada a análise das informações obtidas à luz do embasamento teórico discutido nos capítulos anteriores.

3.1. Metodologia

Essa pesquisa foi desenvolvida de acordo com as estratégias da Análise do Discurso em articulação com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise. Tais estratégias têm como princípio tratar do discurso enquanto prática da linguagem, cuja análise se coloca em articulação com o campo da língua e da sociedade (GREGOLIN, 1995). Nessa perspectiva, a linguagem é concebida pela Análise do Discurso "como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social" (ORLANDI, 2015, p.15). Ela é relacionada à sua exterioridade, considera como os sujeitos estão implicados na língua que falam, bem como suas condições de produção. Assim, a linguagem é determinada pela ideologia e esta é manifestada pela língua, sendo o lugar material em que os efeitos de sentido se realizam. É, dessa forma, desenvolvida uma tríade: a relação língua-discurso-ideologia (ORLANDI, 2015).

A Análise de Discurso Francesa, proposta por Michel Pêcheux, fundamenta-se nessa relação indissociável entre língua, discurso e ideologia, tendo em vista que o discurso depende do sujeito, e este é envolto pela ideologia. Isto é, segundo Pêcheux (1975, *apud* ORLANDI, 2015, p. 17), "o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido". Na perspectiva metodológica da Análise do Discurso, faz-se necessária a escuta do sujeito envolvido na pesquisa e a transformação do material em fato discursivo.

Para adentrar na pesquisa psicanalítica, na qual esta pesquisa se apoia, é necessário realizar uma distinção entre a pesquisa psicanalítica e a pesquisa com método psicanalítico. Figueiredo e Minerbo (2006), reiterado uma década depois, no artigo de Silva e Macedo (2016), parte dessa distinção, em que na pesquisa psicanalítica as modalidades de investigações voltadas para a produção do conhecimento podem ser pensadas pela ótica da psicanálise de distintas maneiras, concebendo-se, por vezes, as teorias como objetos de estudos sistemáticos, e em outros momentos, como reflexões epistemológicas. Pode-se, além disso, apropriar-se dos conceitos psicanalíticos para compreensão de fenômenos sociais e subjetivos.

Esta prática de pesquisa pode ser realizada por distintos pesquisadores, tais como filósofos, historiadores, sociólogos e diversos outros. Já na pesquisa com método psicanalítico, é requerida a presença do psicanalista em contínua atividade analítica, cujas características apontam, como principal efeito, a transformação entre o objeto e o sujeito da pesquisa.

Em relação a essas constatações, pode-se pensar na afirmação de Dunker e outros (2016), segundo a qual existe uma aproximação entre a psicanálise de orientação lacaniana e a prática de linguagem, fundamentada pela análise do discurso. Em uma das perspectivas desta

aproximação, apoiamo-nos naquela que reconhece que "existe uma prática de análise do discurso já contida no método psicanalítico" (p. 7). Nesse contexto, parte-se da premissa de que método clínico e método de investigação são processos metodológicos indissociáveis, dos quais a linguagem é estruturada em sua dimensão transformativa "do mundo e do sujeito, na clínica e na política" (p. 8).

Parte-se da constatação de que, em uma pesquisa psicanalítica, tanto o pesquisador quanto o objeto estão implicados na relação transferencial que se estabelece. Posto isto, é importante frisar o que Rosa e Domingues (2010) destacam: "que o desejo do pesquisador faz parte da investigação e o objeto da pesquisa não é dado a priori, mas sim produzido na e pela investigação" (p. 182).

3.1.1. Procedimentos de construção do material

Primeiramente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB, seguindo as normas da Resolução no 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que trata de ética em pesquisa com seres humanos.

O recrutamento da participante foi realizado através de um grupo de estudos de línguas no aplicativo *WhatsApp*. Em um primeiro momento, foi enviada uma mensagem ao grupo apresentando o projeto. A partir desse primeiro contato, verificou-se a possibilidade de obtenção de contato de refugiados, como potenciais participantes. A seguir, foi realizado o convite para participar da pesquisa. Posteriormente a esse recrutamento, foram combinados os encontros, e disponibilizado para assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual garante o sigilo das informações.

A entrevista foi realizada em dois encontros via videoconferência pelo aplicativo Zoom, em função da distância geográfica entre a participante e a pesquisadora. A participante foi uma refugiada de origem venezuelana, que já possui um domínio mínimo da língua portuguesa e que reside no Brasil há dois anos.

No que se refere aos instrumentos, os encontros foram realizados virtualmente através de "entrevistas abertas" (FIGUEIREDO E MINERBO, 2006) com o intuito de abordar de forma mais espontânea a história de vida da participante, seus impasses e dificuldades encontrados em seu processo migratório. Apesar de se tratar de uma entrevista aberta, foi feito um roteiro de entrevista com questões abertas norteadoras (ANEXO B). Após o consentimento livre e esclarecido, as entrevistas foram gravadas, e em seguida, transcritas.

3.1.2. Procedimentos de análise

Apoiado nos preceitos do método da análise psicanalítica de discurso, os procedimentos de análise foram (i) identificar os elementos sociais, culturais e ideológicos a partir dos quais o discurso da entrevistada se constitui; (ii) levantar hipóteses sobre os não-ditos presentes no discurso, daquilo que encontra-se subentendido e implícito; (iii) localizar metáforas, metonímias, paráfrases e repetições de significantes nas falas da entrevistada; (iv) identificar alguns dos modelos identificatórios presentes no discurso da imigrante.

A fim de subsidiar a análise da entrevista, foram realizados: (i) um levantamento bibliográfico acerca dos conceitos psicanalíticos de desamparo, luto, trauma, angústia e *Unheimlich* (Infamiliar), visando mapear as ocorrências desses conceitos nas obras de Freud e Lacan, e de seus comentadores; (ii) seleção e a sistematização do material, tendo como critérios a relevância, a extensão da abordagem dos conceitos na bibliografia levantada e o nível de aprofundamento das análises encontradas; (iii) produção de fichários bibliográficos e fichários de citações, resenhas críticas e notas de comentário que subsidiaram a análise da entrevista.

3.2. Análise

Diana (nome fictício)² é uma mulher venezuelana de 46 anos que imigrou para o Brasil há dois anos. Conforme já dito, em função da grave crise política e econômica que ocorre na Venezuela, a participante necessitou deslocar-se forçadamente e, assim, buscar condições de sobrevivência em outro país.

3.2.1. Do trauma à experiência de infamiliaridade

Sobre sua vida antes da migração forçada para o Brasil, Diana trouxe que (informação verbal)³:

Eu morava já nos últimos anos com meus pais, pois eles ficaram doentes, tiveram Alzheimer, então eu tive que voltar para o apartamento deles [...] E assim foi a vida, até que quando meus pais estiveram mais delicados de saúde, eu tive que trabalhar só em *peluquería*⁴. E trabalhava desde casa, pois tinha que cuidar deles. A crise já havia começado, porque essa crise lá esse desastre começou desde 1990, desde que Hugo Chávez tomou o poder. Então as coisas já estavam difíceis, eles morreram e começou tudo.

² Foram criados nomes fictícios para preservar a identidade pessoal dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

³ Relatos fornecidos pela entrevistada, em encontros realizados nos dias 17 de outubro e 11 de novembro de 2020.

⁴ “Salão de beleza” em espanhol.

Percebe-se nesse trecho que a situação na Venezuela por si só já estava complicada. Os acontecimentos em sua vida favoreceram para tornar tudo ainda mais difícil, como o fato de ela precisar cuidar exclusivamente de seus pais doentes e ter que fazer algumas renúncias no que se refere à sua vida pessoal, como o seu trabalho, significante que apareceu muito em suas falas. Está implícito, que o termo “começou tudo” faz referência não só ao processo duro de migração forçada, da jornada em que os parâmetros de si, de identidade, são abalados (PASSOS, 2005), como, também, que o deslocamento forçado para outro país provoca “motivações sociais, políticas, econômicas e subjetivas – a relação com a nova terra e os novos laços terão as marcas desses processos” (ROSA, 2009, p.499).

Como será visto mais adiante, a grande questão do caso apresentado é que não é só a migração forçada, o acontecimento em ato, mas tudo que houve antes: as sucessivas mortes, o luto interrompido, as doenças, os cuidados com seus familiares e, finalmente, a travessia, que culminou na sua hospitalização. Ela já estava doente antes e ficou ainda pior quando se deslocou para o Brasil. Quando chegou, dois dias depois, precisou ser hospitalizada, permanecendo quinze dias na UTI. Então, tudo que já era intenso, excessivamente traumático, intensificou-se ainda mais. São momentos marcados pelo excesso, inassimilável subjetivamente, pelo real.

Além da responsabilidade de cuidar de seus pais doentes, e o cenário social no qual estava inserida, Diana começou a ficar muito doente. Com muita emoção, trouxe que:

Então, depois de tudo isso, eu comecei a ficar doente, a baixar de peso, uma questão de pele, meus rins... foi algo que *tudo arreventou*. E muitos falam que por todo aquele estresse com meus pais, que eu não dormia. E lá vários médicos olharam para mim e me falaram que era uma bactéria que tinha e que lá não havia medicamento, que a única forma de tratamento teria que ser hospitalização, e os hospitais não estavam públicos, não estavam em condições... as clínicas privadas era muito dinheiro. Então, dois dos especialistas médicos me falaram que eu iria morrer, porque lá não se podia fazer nada, nem com dinheiro, nem sem dinheiro. Então, eu fiquei... foi difícil [emocionada], mas eu pensei: “não, minha mãe e meu pai morreram aqui, então eu também [...]” (Grifo nosso)

A afirmação de Diana, “*tudo arreventou*”, não só indica questões atinentes à sua saúde frágil, mas sobretudo ao momento crítico em que custa a se localizar subjetivamente em meio ao traumático, quando não há mais o que ser feito; é uma sentença de morte, como se fosse o seu fim. O discurso aponta que já que seus pais morreram na Venezuela, “aqui em casa”, então ela também deveria permanecer em seu país, onde eles morreram. Levanta-se a hipótese de que esse instante traumático evidencia uma espécie de ruptura, face a todos acontecimentos que ela vivenciou, algo que funcionou como um corte.

Quando ela diz na narrativa abaixo que é “muito esquisito” que os médicos no Brasil passassem o mesmo tratamento que na Venezuela já tinha sido realizado, o que emerge é que se o sistema de saúde estivesse funcionando, com as constâncias de recursos no Brasil, não haveria razões para se deslocar em função de seu tratamento.

E quando chego aqui eles simplesmente colocaram uma pastilha, um tratamento de 7 dias de amoxicilina com ácido clavulânico, isso é algo que tem em todo canto e se lá não havia, se mandava comprar em dólares. *Eu não compreendo* [enfática], às vezes fico pensando se isso foi Deus, porque a mim quem me falou esse antibiótico foi o cirurgião e a vice ministra de saúde, do país para que você...tem que ver o histórico de você [...] O *único motivo* foi esse, pela saúde porque apesar de a situação estar difícil, eu não tava passando trabalho [...] (Grifos nossos)

Esta afirmação marca que aquilo que a afeta, em uma vertente estética, tem como efeito a desorganização subjetiva, de não compreender o porquê desse “*único motivo*” (saúde) que a levou a deslocar-se forçadamente. Por outro lado, logo em seguida ela se contradiz em seu discurso, quando afirmou que veio como se estivesse fugindo da Venezuela, o que parece apontar que não foi somente por motivos de saúde.

Então eu venho ao Brasil e todo caminho vinha chorando, e com raiva, eu sentia que tava por uma parte como se estivesse *fugindo, fugindo de meu país*, por uma parte... eu falava "tenho que ir, porque *esse homem, esse governo vai me deixar morrer em meu país?* de minha casa..?", "por que tenho que deixar a minha casa?" então vim dessa forma, desse jeito chorando, então não é igual, porque não vim de turista, como eu pensava vir [...] (Grifos nossos)

De que forma essas experiências excederam sua capacidade de elaboração simbólica? O discurso do poder encarna o discurso do Outro, que opera no sujeito e o conduz a "tomar esse discurso totalitário como uma referência ao Outro, ao campo da linguagem" (ROSA, 2012c, p.33). O aspecto traumático é provocado por essa intervenção, visto que, provoca uma destituição subjetiva. Diana sentia que estava fugindo do seu país, de que o Outro a queria tirar de sua casa. O poder tem sobre si efeitos de alienação. O seu estranhamento não diz respeito somente às questões atinentes à saúde, que ela acreditava ter sido o motivo de sua travessia, mas para além disso, ela foi embora por imposição de um Outro totalitário.

Freud (1919/2019), em *Das Unheimlich*, propõe a fragmentação do Eu como um dos determinantes para a aparição do Infamiliar. Parece que as representações de si se modificaram, como ela trouxe depois bastante emocionada, quando estava prestes a deixar sua pátria:

Então foi que aqueles amigos que estão aqui, falaram que aqui havia um tratamento... minha prima mandou dinheiro dos EUA, meus amigos reuniram, vendi quase tudo... e aí foi que *decidi, ou decidiram*...[emocionada]. Minha filha, "não, tem que ir embora, tem que ir embora...", então, assim... eu vim sem telefone, vim sozinha. (Grifo nosso)

A experiência do *Unheimlich* parece ter revelado, conseqüentemente, uma fragmentação do Eu, uma marca de dúvida, de não saber se ela quem decidiu vir embora ou se foi por imposição do outro, tendo em vista que sua filha foi quem mais insistiu para ela ir embora. A imagem de si passa a não mais oferecer um suporte identitário (ROCHA E IANNINI, 1919). A condição de profundo desamparo a que se encontrava a fez buscar respostas na fé, ela passa a se "*reconciliar com cristo*", que em sua fantasia, Deus passa a oferecer um suporte: "*Deus abriu meus olhos [...]*". Essa instância divina é então criada a partir do Outro, do estrangeiro.

Dessa forma, é no encontro com situações que evocam o desamparo que a angústia se estabelece. A experiência de desamparo se manifesta como um apelo, na direção do Outro (ROCHA, Z., 2000), em que a religião fornece a ilusão de amparo, de tornar a realidade suportável. A relação com Deus foi um significante que se presentificou muito em seu discurso, no momento em que já estava no Brasil. Deus aparece sempre mostrando os caminhos certos para ela, de referência, de encontrar um lugar na comunidade em que se inseriu.

Destaca-se também a possibilidade da experiência de infamiliaridade na relação com a morte (FREUD, 1919/2019). Diana não perdeu somente sua terra natal, suas referências, mas em um período antes do deslocamento, perdeu seus entes queridos. Foram mortes sucessivas, ao todo treze familiares morreram. Como por ela afirmado, foi um processo difícil de sustentar: "Morreu minha mãe e depois começaram a morrer todos[...] isso foi algo muito esquisito. Então foi como muitos duelos, sabe? Muito luto. E ver uma pessoa morrer, lutar para sobreviver". O sentimento Infamiliar nesse cenário emerge, onde o novo não é exatamente novo, mas traz algo que já foi íntimo em sua história.

Ainda nessa afirmação da participante, constata-se que o processo de luto não termina quando sofre o deslocamento forçado, mas é ainda exacerbado, é um luto que não encontra espaço favorável para ser subjetivado, ele é, por fim, impedido. É a partir das articulações feitas por Rosa (2009), na clínica do traumático, que podemos pensar o trauma enquanto tempo subjetivo, onde a imigrante não encontra palavra para lidar com a perda, mas ao invés disso encontra um silêncio, uma angústia que se perpetua e um impedimento dos processos subjetivos do luto.

Como podemos perceber em uma fala de Diana, bastante angustiante em que se percebe um silêncio marcado por um corte, quando perguntada sobre o processo de cuidado com seus pais, "não, isso é... Deus me ajudou muito". Nesse momento, levanta-se a hipótese sobre o não-dito presente no discurso, sobre o que está implícito: aquilo que não tem palavra, que enuncia uma dificuldade de localizar-se subjetivamente. Deus passa a ser novamente convocado, como

foi observado em outros momentos da entrevista, quando ela demonstrava uma certa dificuldade de se expressar, evocava Deus.

Como afirmado acima, sobre a relação com a morte, como sendo um dos determinantes do surgimento da experiência de infamiliaridade, há uma fala da participante bastante significativa em que percebemos um outro determinante: a compulsão à repetição. A repetição aparece quando determinada experiência não é assimilada psiquicamente; como não é elaborada, ela se repete e volta para assombrar o sujeito. Em um relato, Diana, ao lembrar os comentários de sua filha sobre a aparência de seu corpo devido às enfermidades, diz que:

Então ela falava que quando ela via aqui essa parte (nuca), me via igual a minha mãe quando ela estava já na urna quando ela morreu. Ela me disse que me via e via o corpo da minha mãe, que tava igual. E ela pensava que se ela fala assim que se houvesse chegado o mês de dezembro e eu houvesse...iria morrer...porque não havia medicamento, eu já não comia, eu vomitava tudo, e era pura água porque não conseguia comer, não tinha força, mas aí meus amigos começaram a me ajudar para saber o que acontecia.

Percebem-se elementos no discurso que são marcados pelo inassimilável, excessivo, marcado pelo real. A filha que aponta que ela estava como um "cadáver", igual a sua avó e que precisava ir embora para não morrer. A figura do morto aparece como algo que surge para assombrar (FREUD, 1919/2019). É como se a filha prenunciasse a morte: sem ter medicamento, ela iria morrer. Essa experiência pode ser pensada como um radical do Infamiliar, cuja experiência do Infamiliar implicaria um retorno do que foi recalcado, do que era íntimo à vida anímica. A filha se apresenta como uma figura protetora, de conduzir sua mãe nesse momento de despedida de sua terra natal, alertando uma situação de perigo e ameaça caso ela permanecesse lá.

O mecanismo de repetição, apreendido a partir do discurso da participante, aparece quando "a pessoa se sente perseguida por esse trágico destino que se repete..." (RUDGE, 2010, p. 49), ou seja, o significante "morte" estava desde sempre presente em sua história e sempre volta a aparecer nas situações traumáticas, configurando-se no real enquanto realidade psíquica. O objetivo da pulsão, segundo Freud, é retornar a um estado traumático a fim de restaurá-lo, a um estado inorgânico (LOPES E VINHEIRO, 1990). A pulsão de morte, apresenta-se como uma categoria das pulsões que se caracteriza pela redução completa do ser "ao núcleo de um trauma" (NASIO, 2014, p.42).

Pode-se apreender do sofrimento vivenciado por Diana em relação à morte de seus pais, é que o aparelho psíquico busca incessantemente, através da compulsão à repetição, elaborar a lembrança reconstituída. Arriscamo-nos dizer que o modo como sua filha a vê, como um retrato

da avó, parece apontar uma repetição da história de seus pais. A doença acomete o corpo no momento em que ela não os tem mais, suas referências identitárias, quando vem à tona seu medo de morrer em outro país, de deixar sua casa e seus próximos. Nessa perspectiva, o terror, o inassimilável do trauma é visto como signos das doenças e das mortes.

3.2.2. Um destino possível através de trocas simbólicas

Por meio da ajuda financeira de sua prima e de alguns amigos conterrâneos que viviam no Brasil, Diana parte para o encontro deles. Sobre o momento de travessia para o estrangeiro, ela afirma:

E eu ia com isso, porque do meu país até aqui são cinco dias de ônibus fazendo escala, então cheguei aqui vim todo o caminho chorando, renegando, *molesta*⁵ e eu falava com o Deus 'por que?' Então, meus planos eram ficar aqui seis meses em um tratamento seguro, que meus colegas haviam falado e depois iria embora. Mas não foi assim.. quando cheguei aqui eu fiquei grave, pior. (Grifo nosso)

Diana planejava ficar pouco tempo no Brasil, apenas o tempo para tratar sua doença. Quando chegou ao país, disse que negava tudo, estava em "negação", não gostava da comida, do clima e sempre comparava com o seu país. Rosa (2009), ao falar sobre o processo do luto e melancolia, no contexto da migração forçada, assinala que há nesse processo um primeiro tempo de negação da perda. Em meio a tantas tragédias em sua vida, nesse primeiro momento ela "sabe da perda, mas vive como se esta não houvesse se processado [...] idealiza os objetos, as pessoas, a natureza e as relações com o país de origem, tentando manter vivo um passado que deixa de ser, para ela, passado" (p. 503). No discurso de Diana, em seu país a comida não era tão temperada quanto aqui e o clima era mais ventilado.

No primeiro tempo, ela culpabiliza a filha, "eu uma vez ficando com raiva eu culpei ela: 'por sua culpa eu estou aqui só'". Assim, o processo do luto se torna impedido, na medida em que não se processam as formas de subjetivação das perdas, o Eu não se reconhece nesse novo lugar. Culpabilizar a filha é uma forma de projetar sua insatisfação diante do desamparo, deixando de ser um sujeito desejante. Percebe-se nesse caso uma posição melancólica em que Diana não suporta perder o objeto no presente.

Depois de um mês e meio, o cenário foi mudando, na medida em que ela encontrava espaço para lidar com seus impasses, e endereçar uma demanda. Foi nesse período que Diana conheceu Dona Maristela, uma senhora que é missionária e presidente de uma associação evangélica que possui três abrigos para os refugiados venezuelanos em Manaus.

⁵ Traduções possíveis do espanhol para o português do Brasil: "chateada", "incomodada".

Aí foi tudo mudando, Deus foi acomodando, ajeitando tudo, pouco a pouco, eu falei para ela que... ela me disse "o que você sabe fazer?" E eu falei tudo que sabia, minha experiência. E ela falou bem assim, "eu preciso de alguém como você que me ajude, só que eu não tenho dinheiro para pagar". E então eu falei "Dona Maristela, eu não estou trabalhando e eu tô só nessa casa e pensando no que tenho, pensando no que preciso, pensando que quero estar na minha casa..." [...] para ficar sozinha, trancada, me deprimindo, eu posso ajudar até que eu consiga um trabalho.

Diana falava de Dona Maristela com muito afeto, foi com um sorriso que disse "Aí foi tudo mudando". Pode-se hipotetizar que a relação que ela estabeleceu com a Dona Maristela foi fundamental para que ela encontrasse um suporte identitário, de pertencimento à comunidade. A Dona Maristela funciona como guia no percurso de Diana em Manaus, é ela quem oferece trabalho, que a conduz, que leva Diana a São Paulo para arrecadar fundos para os abrigos. Percebe-se, então, uma identificação, haja vista que Maristela falava espanhol, e isso facilitava para que Diana andasse com ela, aprendesse português, se orientasse em relação aos desafios que iam surgindo. Ela identifica traços que são dela própria nesse outro, no caso, Dona Maristela, que representa uma imagem do que ela gostaria de ser (QUINET, 2012). Pode-se, inclusive, localizar uma metáfora no discurso quando se refere a Dona Maristela, "ela é um anjo de verdade que ajuda muitos venezuelanos". Diante disso, hipotetiza-se que é com essa senhora que ela se endereça para falar de seu sofrimento e de seu sintoma.

O fragmento acima evidencia um aspecto interessante que pode ser pensado através das experiências de Rosa (2012a) na clínica com imigrantes, em que esses sujeitos constroem modos de lidar frente aos seus impasses no laço social. Pode-se considerar que, frente aos impasses que se depara no cotidiano, a forma como Diana lida é por meio do trabalho a que ela se dedica, ajudando e dando assistência aos seus semelhantes nos abrigos. O significante "trabalho" permite a imigrante estabelecer uma identidade. O trabalho aparece como algo que se repete, por uma série de experiências que carrega em sua trajetória. Por exemplo, ela conta o caso de um homem que morreu, e diz: "escutei do dono de onde ele trabalhava, que ele era um bom trabalhador". O grande valor para si é o trabalho e isso se intensifica quando ela se depara com um sujeito que vive a mesma condição que ela, trata-se de um imigrante que tinha chegado ao abrigo com sua família.

Desenvolve-se a hipótese da presença de significantes que surgem a partir do discurso e formam uma cadeia: a relação com o trabalho, a morte, a religião, o imigrante e a família. São significantes que podem levá-la a dar sentido às suas experiências de sofrimento, enquanto narrativas (DUNKER, 2015).

A morte surge novamente quando ela apresenta em seu relato outros casos de imigrantes com os quais se identificou, que morreram por várias causas: doenças, acidentes, tragédias, o que a leva às suas experiências anteriores com seus familiares. É como se estivesse presa nesse luto que não cessa de ruminar, como observa Rosa (2012c, p.32), "trata-se de um impedimento do esquecimento, do recalque necessário para separar-se do acontecimento". É um acontecimento marcado pela repetição incessante. Pode-se incluir os seus sonhos traumáticos, que trazem repetidamente em seus conteúdos as manifestações inconscientes de retornar ao passado, de se reunir novamente com seus pais e seus filhos. O traumático destes sonhos é entendido como uma forma do aparelho psíquico de restaurar essa perda no presente e elaborá-la (FREUD, 1920/2010).

Um relato interessante que Diana trouxe posteriormente dizia respeito às dificuldades do estabelecimento do laço social. Ela fala da ausência de confiança com imigrantes, mesmo de seu próprio país. Trata-se de pessoas que não conseguem estabelecer um vínculo, uma relação de amizade.

Amizade como tal não, porque se lembra que são casas de passo⁶, pessoas vem, pessoas vão, são três meses, quatro meses. E eles geralmente ligam para você quando precisam de você, quando tem algum problema, precisam de algo e aí falam, mas interesse em falar 'e você, como está?'. Não, eles não ligam para isso, depois alguns já vão interiorizado e vão para alguns estados e você já não sabe mais dele.

Consideramos que essa situação retrata a metáfora do Judeu errante, *Ahashverus*, do qual falávamos no capítulo 1, o sujeito vive em uma errância sem fim, não consegue estabelecer-se em um só lugar, tornando-se um eterno passageiro. É como se eles estivessem à procura de um lugar perdido, no tempo e no espaço. São, por fim, sujeitos que estão sob a ruptura com o laço com o outro (ROSA, 2012c).

Embora tenham sido destacados casos de modelos identificatórios com outros imigrantes, observa-se, por outro lado, a realidade daqueles que assumem a posição do outro como rival (QUINET, 2012), isto é, os autóctones que intervêm através da projeção, com afirmações como: "o outro está roubando algo que é nosso". Diana trouxe em seu relato que:

Eu fui em uma lotação e um senhor ficou me encarando assim, esquisito, mas eu não liguei e ele começou a falar, claro, ele se deu conta que eu era venezuelana e ele começou a falar, lá se usam muitas bicicletas e ele falou bem assim: "ah, aqui chega um venezuelano hoje e já amanhã tem três bicicletas, aqui nós não podemos sair com nossos filhos porque os venezuelanos estão roubando". Ele começou a falar e eu, o que ia fazer? Eu fiquei calada porque não podia defender [...].

⁶ Em português, casas de passagem. Trata-se de lugares nos quais pessoas são acolhidas temporariamente.

Diante disso, essa afirmação de Diana retrata a discriminação que os estrangeiros sofrem por grande parte dos nativos. Nesse contexto, os refugiados venezuelanos funcionam como uma tela de projeções, em que estes estão roubando algo que é dos brasileiros. O nativo interioriza o medo de perder algo que lhe pertence, que lhe é caro. Dessa forma, por ser difícil admitir que pode perder alguma coisa, diz que é o outro que lhe quer tomar, sua responsabilidade é retirada. É como diz Sartre, "os infernos são os outros". Isso corrobora com o que foi discutido anteriormente sobre a experiência de infamiliaridade, que determinado conteúdo que foi recalçado por um sujeito, pode ser projetado em outro. Nessa perspectiva, a imagem do venezuelano é angustiante para o brasileiro, despertando-lhe um sentimento de estranheza, de algo que é familiar, mas ao mesmo tempo desconhecido. O estranho, é o que é íntimo ao sujeito, ao que diz respeito a si próprio, mas é também o está fora, isto é, o que se encontra fora de si, e está no outro. (PASSOS, 2005)

Outro ponto que destacamos a partir dessa afirmação de Diana, é quando ela traz em sua fala, que ficou "calada porque não podia se defender", formula-se a hipótese que está presente no discurso um silenciamento do qual impede uma alteridade, na qual a ameaça implícita neste discurso se desfaz e se transforma em um encontro entre o sujeito e o Outro, "da cultura" (ROSA, 2012). Caso o encontro se realizasse, ela poderia ocupar um lugar de passadora de cultura, enquanto portadora de uma história (ROSA E NOGUEIRA, 2017).

Consta-se abaixo um extrato da narrativa da imigrante que traduz isso que estamos discutindo sobre a questão do encontro. Diana conheceu, por intermédio de Dona Maristela, Alessandra, que foi a responsável por lhe dar um trabalho remunerado neste ano de 2020. Percebe-se no decorrer do seu discurso que ela tem um espaço para compartilhar suas experiências, que há um reconhecimento do outro de sua posição desejante, enquanto sujeito de sua história, em que seu sofrimento é legitimado. Alessandra sustenta o lugar de um Outro amável, que acolhe, escuta e aconselha.

E ela me disse bem assim "Diana, eu acredito que Deus tem para você algo muito, muito grande, porque todas as coisas que você passou lá na Venezuela para chegar aqui, passou aqui e depois com esse homem com todas coisas, então... acho que Deus tem algo muito grande para fazer.

Pode-se pressupor que a noção de alteridade aqui é reconhecida como "falta a ser", em que a diferença é, segundo Rosa (2012a, p.75), "significada como encontro, com o qual se faz o novo", o que implica a aparição do sujeito. Em cada encontro que Diana estabelece com o

outro ela vai conseguindo, a partir de sua posição desejante, elaborar simbolicamente suas experiências. Consoante isso, o que se torna considerável, na dimensão de nível identitário é a possibilidade de o sujeito ser reconhecido como ser humano e de encontrar um lugar na comunidade na qual se insere (PASSOS, 2005).

Tal como afirmado por Desplechin (2013), o acesso do imigrante a si mesmo vincula-se a uma experiência de presença do Outro, a qual, hipoteticamente, poderia, a partir disso, conduzir o sujeito a uma alteração da relação consigo mesmo. O que podemos inferir do discurso de Diana é que ela encontra um suporte que gera uma resposta da realidade externa. Ela passou por inúmeros desafios em sua história, na Venezuela e em sua imigração para o Brasil, foram roubos, mais mortes, decepção amorosa, entretanto, apesar de tudo, encontra também um suporte proveniente de outros sujeitos e na própria fé, que funciona como um recurso subjetivo para lidar com seu desamparo. É como disse posteriormente, quando se referia a lembranças de momentos anteriores e iniciais do deslocamento forçado: "*Mas eu não entendia, Deus falava...Deus estava aí, mas eu não queria entender...*". Está implícito no discurso que hoje ela entende. Ela precisou passar por todo esse processo para compreender como transformou suas experiências de sofrimento em algo novo, criando uma nova narrativa estética, daquilo que passa agora a sensibilizá-la.

Ao final da entrevista, foi-lhe perguntado quais eram seus planos futuros, suas expectativas, como ela se via no futuro. Eis sua resposta:

Eu me vejo radicada aqui, eu me vejo com minha casa aqui [...]. Aí vamos vendo, claro, se minha filha decide fazer sua vida independente, se conseguir alguém e decide se casar então tá bem, eu não fico com medo de ficar sozinha, entendeu? Já estou acostumada sozinha. Sim, posso de repente formar meu próprio empreendimento, trabalhar por minha conta, como comerciante, tem muitas coisas que posso fazer e já vai conhecendo novas pessoas...alguma coisa se faz. Sim, primeira meta que tenho.

Essa afirmação abre espaço para pensar questões referentes ao posicionamento do sujeito no discurso, quando ela frisa que seus planos de estabelecimento no Brasil são com ou sem sua filha. O que chama atenção é ela dizer que "*não tem medo de ficar sozinha, que já se acostumou*". É interessante, pois em psicanálise, nós nos tornamos sujeitos a partir daquilo que negamos, daquilo que desconhecemos, daquilo que foi recalcado. A constituição se dá a partir de um movimento em que ela se aliena do outro, de sua própria imagem do espelho, nas palavras desse outro. Ou seja, independe se sua filha virá viver com ela no Brasil, o importante é ver esse movimento em que a solidão marca a presença de uma ausência, de "um sentimento que pode simbolizar a falta e, portanto, revela uma posição desejante, em vez de demandante"

(ROSA, 2012b, p.450).

Nesse sentido, a falta é estrutural, ela é que permite a criança desprender-se da mãe, deixando o desejo deslizar e, portanto, afastando-se de experiências de angústia. Se os processos identitários têm relação com a metáfora da imagem refletida no espelho, uma hipótese possível de ser elaborada é que no caso de Diana, posicionada enquanto sujeito, passa a representar-se de outra forma (PASSOS, 2005).

Diante do que foi discutido nesse capítulo, constata-se a relevância de se pensar os processos de subjetivação e de sofrimento psíquico de sujeitos imigrantes face à perda de seu lugar discursivo e da história perdida na memória. Para que o luto seja elaborado e o laço social restituído é necessário que o sujeito se reconheça a partir do reconhecimento do outro, em uma perspectiva de alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, retornamos ao início desse trabalho. No intuito de estudar as modalidades de subjetivação e sofrimento psíquico de sujeitos em condição de migração forçada, essa pesquisa se propôs a compreender, à luz da psicanálise, conceitos atinentes às situações de perdas vivenciadas por sujeitos imigrantes. Destacam-se inicialmente, o luto e o desamparo psíquico, na medida em que o processo de subjetivação marcado pelo luto é experienciado por um profundo desamparo daquele que se desloca forçadamente. Outros conceitos que foram buscados para tentar articular foram o trauma e a angústia, fazendo primeiramente um percurso na teoria freudiana e algumas considerações a partir de Jacques Lacan, para, em seguida, tecer articulações com a Clínica do Traumático, proposta por Miriam Debieux Rosa.

O primeiro capítulo abordou alguns pressupostos teóricos e clínicos para se refletir modalidades de sofrimento de sujeitos imigrantes que se caracterizam pela desorganização psíquica, como: os processos de subjetivação do luto, marcado pela condição de desamparo; as situações traumáticas que se impõem aos sujeitos através de repetições, e as experiências de angústia que se estabelecem como respostas às situações traumáticas que evocam o desamparo primordial. Cabe ressaltar que a abordagem adotada pela amplitude de conceitos neste capítulo se deu em virtude de se tratar de noções psicanalíticas que se encontram tensionadas entre si.

O segundo capítulo tratou de investigar a noção freudiana "*Das Unheimlich*" (O Infamiliar), referência importante para se compreender, a partir de uma perspectiva ética e estética, as experiências de infamiliaridade em sujeitos imigrantes. Alguns determinantes desse sentimento foram brevemente apontados, como é o caso da fragmentação do eu e o duplo. A partir desta noção foi possível debruçar-nos um pouco nas articulações com a angústia, que foram forjadas por Lacan no Seminário 10, da Angústia. O sentimento Infamiliar enquanto fonte de angústia traz como consequência a desorganização subjetiva que, por sua vez, decorre de uma experiência de não identidade ao sujeito que a vivencia. As discussões a respeito dos processos identificatórios mostraram-se essenciais para se entender as experiências da participante de pesquisa, em situação de migração forçada.

Por fim, o terceiro capítulo foi destinado à análise da entrevista realizada com uma imigrante venezuelana, a partir dos temas e conceitos levantados nos capítulos anteriores. Para essa finalidade, foram desenvolvidas hipóteses sobre as experiências de sofrimento psíquico vivenciado pela participante Diana acerca de seu processo de migração forçada. Foram

selecionados trechos importantes de falas que se constituíram como material da análise psicanalítica do discurso. Foi possível observar, a partir do caso retratado, que quando o imigrante encontra um espaço para simbolizar suas experiências o laço social é restituído. Ele passa a ser reconhecido em nível identitário através do outro, levando-o a construir novos parâmetros de referências de si.

Espera-se que sejam aprofundadas futuramente em outros trabalhos várias questões que foram aqui enunciadas, como a possibilidade da clínica ampliada "extra muros" com imigrantes, para que inclusive novas pesquisas possam ser elaboradas a partir de casos clínicos, tendo em vista que por haver poucos espaços de escuta para sujeitos em condições emergenciais, são escassos na literatura casos que retratam essa realidade pela ótica da psicanálise, a não ser os trabalhos desenvolvidos no Brasil por Miriam Debieux Rosa.

E, para além da psicanálise, é também interessante a proposta de outros modelos de clínica que visem a oferecer acolhimento para esses sujeitos que necessitam tanto de um espaço para elaborarem suas questões no que se refere ao desenraizamento, e de sofrerem diversas exclusões simbólicas. Este é um tema vasto, complexo e contemporâneo que se desdobra pelo nível social, político, jurídico e econômico, que daria para serem discutidos também pela psicologia, para além da clínica, haja vista que os sujeitos imigrantes estão inseridos em contextos socioculturais e políticos. Instituições, tais como ONGS, enquanto espaços sociais voltados para estes sujeitos, favorecem o desenvolvimento de iniciativas a favor dos direitos humanos.

Mediante o exposto, este trabalho visa fornecer um amplo referencial teórico da psicanálise para se pensar o intenso sofrimento psíquico e as modalidades de subjetivação de sujeitos imigrantes que são arrancados de suas raízes, vagando sem pouso e não encontrando espaço para endereçar uma demanda. Devido aos limites de um trabalho de conclusão de curso no âmbito da graduação em psicologia e a possibilidade de um "vir a ser", esse trabalho não se esgota aqui. É importante que as discussões continuem sendo sustentadas por questões que se refere aos contextos de exclusão e violência, nos quais os laços sociais são rompidos e os processos de subjetivação de perda são dificilmente simbolizados. São indispensáveis para isso um suporte clínico e experiências práticas, como entrevistas, para que o arcabouço teórico mais consolidado sustente reflexões mais profundas em futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Laís Azeredo; SILVA, João Carlos Jarochinski. A migração internacional enquanto tema político entre os anos de 2010-2017 no Brasil. **Revista del CESLA**, n.22, 2018. Disponível em: <https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/516>. Acesso em: 03/03/2020.

ANDREOULI, Eleni; KADIANAKI, Irini. Psychology and human mobility: Introduction to the special issue and ways forward. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, v. 24, n.4, p. 383-388, 2018. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/2018-55356-002.html>. Acesso em: 03/03/2020

BARBOSA, Ana Maria Ferrara et al. As novas tecnologias de comunicação: questões para a clínica psicanalítica. **Cad. psicanal.** Rio de Janeiro, v.35, n.29, dez. 2013.

BIRMAN, Joel. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. In: *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 15(Suplemento), 2005, pp. 203-224.

BOECHAT, Yan. **Brasileiros voltam a protestar contra venezuelanos em Pacaraima**. 25 ago. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasileiros-voltam-a-protestar-contravenezuelanos-em-pacaraima/a-45227329>. Acesso em: 05/03/2020

CABRA, Magda Liliana Gómez. **La clinique de l'autisme et la pratique à plusieurs**. 2015. Tese de doutorado. Université Paris Descartes. École doctorale Pratiques et théories du sens (Saint-Denis) « La section clinique». Paris, 2015. Disponível em: <https://www.theses.fr/2015PA080119>. Acesso em: 20/03/2020

CARUTH, Cathy. **Trauma - Explorations in Memory**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

CHAVES, Ernani. **Perder-se em algo que parece plano**. In: FREUD, Sigmund. O Infamiliar [das Unheimliche], p.153-173. Tradução de Ernani Pinheiro Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. São Paulo: Autêntica, 2019.

CNDH (CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS). **Relatório das violações de direitos contra imigrantes venezuelanos no Brasil, do Conselho Nacional dos Direitos Humanos, no mês de janeiro de 2018**. Mai. 2018.

CORAZZA, Felipe; MESQUITA, Lígia. **Crise na Venezuela: o que levou o país ao colapso econômico e à maior crise de sua história**. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515>. Acesso em: 16/11/2020.

DESPLÉCHIN, François. **L'identité dans l'exil : Clinique auprès de sujets migrants, la question de l'identité dans la psychanalyse**. 2013. Tese de doutorado. Université d'Aix Marseille. École doctorale Cognition, Langage et Éducation. Laboratoire de psychopathologie clinique et de psychanalyse. Marseille, 2013. Disponível em: <https://www.theses.fr/2013AIXM3050>. Acesso em: 12/02/2020

DUNKER, Christian. Crítica da razão diagnóstica: psicanálise, psicopatologia, DSM. In: KRYLLOS NETO, Fuad; CALAZANS, Roberto. (Orgs.). **Psicopatologia em debate: controvérsias sobre os DSM's**". Barbacena: EdUEMG, 2012.

_____, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015

_____, Christian; PAULON, Clarice Pimentel; MILÁN-RAMOS, J. Guillermo. **Análise psicanalítica de discurso: perspectivas lacanianas**. São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2016.

DURAN, Caroline. **Documentário sobre refugiadas venezuelanas no Brasil estreia no Dia Mundial do Refugiado**. Disponível em: <http://www.caritas-rj.org.br/documentario-sobre-refugiadas-venezuelanas-no-brasil-estrela-no-dia-mundial-do-refugiado.html> Acesso em: 25 nov. 2020.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, v.39, n.70, p.257-278, jun., 2006.

FINK, Bruce. A causa real da repetição. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (Orgs.). **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. Parte V, p.239-245.

FREUD, Sigmund. (1895a). **Projeto para uma psicologia científica**. Obras completas, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1895b). **Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia**. Obras completas, vol.3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1900). **A interpretação dos sonhos**. Obras completas, vol.4. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). **Recordar, repetir e elaborar**. Obras completas, volume 10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1915a). **Considerações atuais sobre a guerra e a morte**. Obras completas, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1915b). **A repressão**. Obras completas, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1916). **A transitoriedade**. Obras completas, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1917). **Luto e melancolia**. Obras completas, volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1919a). **O Infamiliar (Das Unheimliche)**. Obras incompletas. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. (1919b). **Introdução a psicanálise das neuroses de guerra**. Obras completas, volume 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1920). **Além do princípio do prazer**. Obras completas, volume 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. (1926). **Inibição, sintoma e angústia**. Obras completas, volume 17. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

_____. (1927). **O futuro de uma ilusão**. Obras completas, volume 17. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

_____. (1930). **O Mal-estar na civilização e outros textos**. Obras completas, volume 18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GEBRIM, Ana Carolina Campos. **Psicanálise no front: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com imigrantes**. 2018. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, São Paulo, 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, n.39, p.13-21, 1995.

HASSOUN, Jacques. **Los contrabandistas de la memoria**. Buenos Aires: Editorial de la Flor, 1996.

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro HELIODORO. Freud e o Infamiliar. In: FREUD, Sigmund. **O Infamiliar [das Unheimliche]**, Tradução de Ernani Pinheiro Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. São Paulo: Autêntica, 2019, p.153-173.

JOHNSON, Kevin, R. **Trump's Latinx Repatriation**. University of California, Davis. School of Law. UCLA Law Review symposium on Latinos, Bias, and the Criminal Justice System. 2019.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. (1962-1963). **O Seminário, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. (1964). **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. (1969-1970). **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LEITE, Sonia. **Angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LOPES, Arlete Garcia; VINHEIRO, Vera. Repetição e a clínica. **Letra freudiana**, XI, n.10/11/12, p.78-83, 1990.

MAIA, Luís; DE ANDRADE, Fernando César Bezerra. Nachträglichkeit: leituras sobre o tempo na metapsicologia e na clínica. **Estudos de Psicanálise**, n.33, p.75-90, 2010.

MARTINI, André de; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Novas notas sobre "o estranho". **Tempo psicanalítico**, v. 42, n. 2, p.371-402, 2010.

MARTINS-BORGES, Lucienne; JIBRIN, Marcio; BARROS, Allyne Fernandes O. Clínica intercultural: a escuta da diferença. **Contextos clínicos**, v. 8, n. 2, p. 186-192, jul-dez, 2015.

MATTUELLA, Luciano Assis. O sentimento de desilusão em Freud e a impossibilidade da construção de um futuro autêntico. **Intuição**, v.3, n.1, p. 70-79, 2010.

MILESI, Rosenita. Refugiados e migrações forçadas: uma reflexão aos 20 anos da declaração de Cartagena. In: Scalabrini - uma voce viva, Congregazioni Scalabriniane. Roma, 2014.

NASIO, Juan David. **Por que repetimos os mesmos erros?** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

PASSOS, Henrique Cerqueira. **Transformations des représentations de soi et de l'autre chez des migrants belges et brésiliens: Une approche biographique**. 2005. Tese de doutorado. Université Catholique de Louvain. Faculté de Psychologie et des Sciences de l'éducation. Unité de psychologie clinique (CAPP): anthropologie, psychopathologie et psychothérapie. Louvain-la-Neuve, 2005. Disponível em: https://dial.uclouvain.be/pr/boreal/object/boreal%3A110229/datastream/PDF_01/view Acesso em: 12/02/2020.

PEIXOTO, Evacyra Viana. V. **A linguagem em seus efeitos constitutivos do sujeito**. Dissertação de mestrado, UENF, Campos dos Goytacazes, Mimeo, 2003.

QUINET, Antonio. **Os Outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RINALDI, Doris Luz. **O conceito de angústia em Lacan**. Disponível em: Intersecção Psicanalítica do Brasil, 2010.

RIVERA, Tania. Ensaio sobre a sublimação. **Discurso**, n.36, p. 313-326, 2007.

ROCHA, Zeferino. **Os destinos da angústia na psicanálise freudiana**. São Paulo: Escuta, 2000.

ROCHA, Guilherme Massara. **O estético e o ético na psicanálise: Freud, o sublime e a sublimação**. 2010. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.

ROCHA, Guilherme Massara; IANNINI, Gilson. O infamiliar, mais além do sublime. In: FREUD, Sigmund. **O Infamiliar [das Unheimliche]**. Tradução de Ernani Pinheiro Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. São Paulo: Autêntica, 2019.

ROSA, Miriam Debieux; BERTA, Sandra Letícia; CARIGNATO, Taeco Toma; ALENCAR, Sandra. A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Latinoam. Psicopat. Fund.*, v. 12, n. 3, p. 497-511, setembro 2009.

_____, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 22, n.1, p. 180-188, 2010.

_____, Miriam Debieux. Migrantes, Imigrantes e Refugiados: a Clínica do Traumático. **Revista Cultura e Extensão USP**, v. 7, p. 67-76, mai. 2012a.

_____, Miriam Debieux. Errância e isolamento: as dimensões de desejo e de gozo da solidão. **Psicologia em Revista**, v. 18, n. 3, p. 446-457, dez. 2012b.

_____, Miriam Debieux. Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clínico-políticas. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n.41-42, p.29-40, 2012c.

_____, Miriam Debieux. Immigration forcée: de l'imaginaire traumatique aux interventions clinico-politiques. **Nouvelle Revue de Psychosociologie**, n.20, p.183-194, 2015.

_____, Miriam Debieux; NOGUEIRA, Tiago Sanches. Intimidade e alteridade: a experiência do refúgio e a clínica psicanalítica. **Calibán Revista Latino Americana de Psicanálise**, v. 15, n.1, p. 186-198, 2017.

RUDGE, Ana Maria. **Trauma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SANTOS, Jorge Luís Gonçalves dos. **Função do objeto e angústia**. 2009. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, UFRJ/IP, 2009.

SILVA, Clarice Moreira da; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.36, n.3, p.520-533, 2016.

SYKES, Tetiana. **Santé mentale et soutien psychosocial des migrants et réfugié: il est temps d'agir!** Disponível em: <https://www.mhe-sme.org/news-15-new-position-paper-mental-health-support-to-migrants-and-refugees-should-not-be-a-luxury-2/> Acesso em: 30/02/2020.

UNHCR (United Nations High Commissioner for Refugees). **Global trends, Forced Displacement 2018**. 19 jun. 2019.

Disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5d08d7ee7/unhcr-global-trends-2018.html?query=GLOBAL%20TRENDS%202018> Acesso em: 03/03/2020.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Refugiados de si: uma análise dos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico de sujeitos em condição de migração forçada
Instituição das(os) pesquisadoras(es): Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Pesquisador responsável: Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas
Pesquisadora assistente: Juliana Alves Dantas Ferro Bucher

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. Este documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo desse estudo é analisar os impasses e dificuldades encontrados por sujeitos imigrantes a partir de entrevistas a respeito de seu processo de migração forçada/refúgio.

- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder eixos de perguntas realizadas em uma entrevista individual sobre o tema focalizado na pesquisa.
- O procedimento consiste na realização de uma entrevista individual aberta.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio, com o consentimento do participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- A pesquisa será realizada por meio de entrevistas por videoconferência via Google Meet com um sujeito em condição de migração forçada.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.

- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você poderá optar não realizá-lo.

- Sua participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema em questão, trazendo um debate importante para a sociedade civil organizada e as instituições governamentais. Além do alcance da concretização de iniciativas em prol de sujeitos em condição de migração forçada.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando, para isso, entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.

- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Juliana Alves Dantas Ferro Bucher, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será destruído após a pesquisa.

- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisador Responsável: Juliano Moreira Lagoas
E-mail: juliano.lagoas@ceub.edu.br

Pesquisadora Assistente: Juliana Alves Dantas Ferro Bucher
E-mail: juliana.bucher@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEP 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1200

ANEXO B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Eixo 1 - Dados pessoais

Nome: Diana (nome fictício)

País de origem: Venezuela

Idade: 46

Tempo de permanência no Brasil: 2 anos

Cidade que migrou: Manaus

Eixo 2 - História pessoal

- Você poderia me falar como era a sua vida quando ainda vivia no seu país de origem?
- Quais lembranças você tem de lá?
- Como foi chegar em um novo país, no Brasil?

Eixo 3 - Cotidiano

- Gostaria de saber como tem sido seu dia a dia no Brasil.
- O que é diferente hoje, morando no Brasil, em relação ao seu país de origem?
- Como foi o processo de integração no Brasil?

Eixo 4 - Expectativas futuras

- Como você se vê no futuro?
- Quais são suas expectativas em relação ao futuro?